



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
PAOLA CITADIN LAURIANO

**ENTRE OS RELACIONAMENTOS SAUDÁVEL E ABUSIVO:
UM OLHAR PARA AS OBRAS “CORTE DE ESPINHOS E ROSAS”
E “CORTE DE NÉVOA E FÚRIA” DE SARAH J. MAAS**

Tubarão
2020



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
PAOLA CITADIN LAURIANO

**ENTRE OS RELACIONAMENTOS SAUDÁVEL E ABUSIVO:
UM OLHAR PARA AS OBRAS “CORTE DE ESPINHOS E ROSAS”
E “CORTE DE NÉVOA E FÚRIA” DE SARAH J. MAAS**

Projeto de TCC apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel/Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Profa. Esp. Daiane de Souza Alves Mauricio

Tubarão

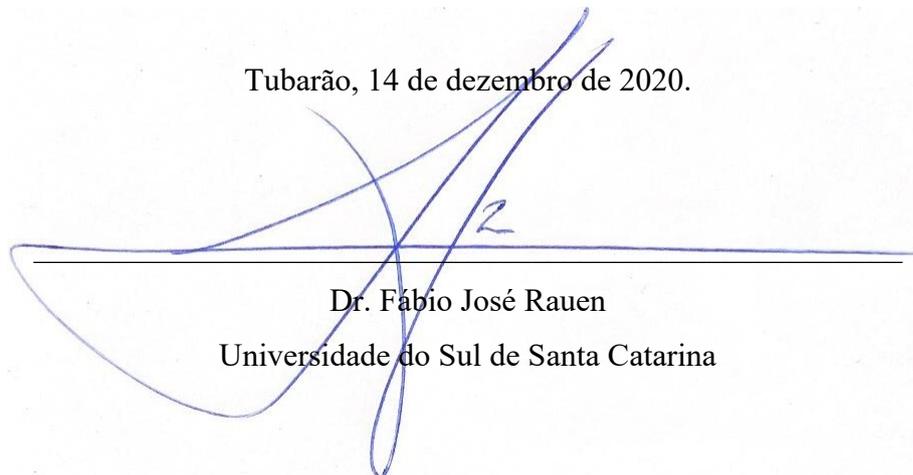
2020

PAOLA CITADIN LAURIANO

**ENTRE OS RELACIONAMENTOS SAUDÁVEL E ABUSIVO:
UM OLHAR PARA AS OBRAS “CORTE DE ESPINHOS E ROSAS”
E “CORTE DE NÉVOA E FÚRIA” DE SARAH J. MAAS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa em 7 de dezembro de 2020 por banca formada pelos professores Daiane de Souza Alves Mauricio (presidente da sessão), Fábio Ballmann (avaliador) e Chirley Domingues (avaliadora); e foi aprovado em sua versão final em 14 de dezembro de 2020 pela professora Daiane de Souza Alves Mauricio (orientador) e pelo professor Fábio José Rauen (professor da Unidade de Aprendizagem Trabalho de Conclusão de Curso II), que assina a presente declaração representando os avaliadores e a Coordenação do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 14 de dezembro de 2020.



Dr. Fábio José Rauen
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que foram e ainda são enjauladas por parceiros destrutivos. Vocês são fortes e capazes de superar isso, mesmo que a recuperação seja lenta, não desistam e lutem por vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por tudo que tem me proporcionado e por me capacitar para a conclusão de mais uma etapa.

A meus pais que sempre estiveram ao meu lado, e por todo apoio que sempre me deram. A meu irmão, que com sua luz alivia meu estresse e alegria os meus dias. E a minha tia que com toda paciência me ouviu falar desse trabalho desde antes de começá-lo.

Agradeço a minha madrinha, que por passar grandes dificuldades com um Tamlin em sua vida, inspirou parte dessa análise. Você é resistente, e quando sua recuperação terminar sei que se reerguerá mais forte que antes.

A meus colegas e aos professores do curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Sul de Santa Catarina, que com seus conhecimentos acrescentaram e foram parte fundamental dessa etapa em minha vida.

A professora Daine de Souza Alves Mauricio, que caminhou comigo durante todo esse processo, compartilhando do seu conhecimento e me encorajando a continuar.

E agradeço a meu Rhysand, que com sua chegada elevou o nível de tudo e me ensinou o que é ser verdadeiramente amada e respeitada, apoiada e incentivada dia após dia, você com certeza é a principal razão de eu ter escrito sobre esse tema, obrigada por só acrescentar coisas boas na minha vida e por todas as memórias doces que proporcionou ao longo da nossa amizade.

“- Lembre-se de que você é uma loba. E não pode ser enjaulada” (MAAS, 2019, p. 554).

RESUMO

O presente trabalho busca trazer as características dos relacionamentos saudável e abusivo com objetivo de analisar a construção de ambos os relacionamentos nas obras “Corte de espinhos e rosas” e “Corte de névoa e fúria” da autora americana Sarah J. Maas. A problemática que norteará este trabalho é como se dá a construção desses relacionamentos nas obras que serão analisadas. Esta pesquisa classifica-se, metodologicamente, como qualitativa e bibliográfica, uma vez que as análises se deram por meio de livros e artigos que abordem o tema. Para análise, utilizou-se a análise de conteúdo, de Lauren Bardin. Trazendo o resultado de que - de fato - os Livros “Corte de espinhos e rosas” e “Corte de névoa e fúria” trazem os relacionamentos abusivo e saudável em seu conteúdo.

Palavras-chave: Literatura. Relacionamentos. Abusivo. Saudável.

ABSTRACT

This work seeks to bring out the characteristics of both relationships in order to analyze and identify the construction of healthy and abusive relationships in the works “A court of thorns and roses” and “A court of mist and fury” by the American author Sarah J. Maas. The problem that will guide this work is how to build these relationships in the works that will be analyzed. This research is classified, methodologically, as qualitative and bibliographic, since the analyzes will take place through books and articles that address the theme. For analysis, content analysis by Lauren Bardin will be used. Hoping to bring the result that - in fact - the books “A court of thorns and roses” and “A court of mist and fury” bring abusive and healthy relationships in their content.

Keywords: Literature. Relationships. Abusive. Healthy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	RELACIONAMENTOS: UM OLHAR SOCIAL E PSICOLÓGICO	12
2.1	RELACIONAMENTOS SAUDÁVEIS	14
2.2	A MASCULINIDADE EM CRISE	16
2.3	RELACIONAMENTO ABUSIVO: ORIGEM MACHISTA E SOCIAL.....	19
3	ENTRE “CORTE DE ESPINHOS E ROSAS” E “CORTE DE NÉVOA E FÚRIA”: O MACHISMO EVIDENTE.....	28
3.1	“CORTE DE ESPINHOS E ROSAS”	28
3.2	“CORTE DE NÉVOA E FÚRIA”	30
3.3	O ABUSO GRADUAL NA SAGA “CORTE DE ESPINHOS E ROSAS”	32
3.4	O OPOSTO DE ABUSIVO: OLHANDO PARA RHYSAND, O GRÃO-SENHOR DA “CORTE NOTURNA”	43
4	CONCLUSÃO.....	50
	REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, as mulheres vêm sofrendo com inúmeros atos de violência, seja no trabalho, na escola ou nas universidades, mas esse tipo de violência acontece principalmente em casa, com seus maridos e familiares. De acordo com Maia (2017, p.1), “a cultura do machismo há muitos anos vem influenciando na manutenção dos relacionamentos, em que os muitos tipos de violência que assolam mulheres de várias faixas-etárias, classes sociais e níveis culturais tornam-se cada vez mais gritantes.” Durante o período colonial, por exemplo, não havia nenhuma lei específica de proteção às mulheres; somente em 1932, elas começaram a ganhar o direito ao voto no Brasil, por meio do novo código eleitoral, Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932.

No entanto, mesmo com conquistas no âmbito legislativo, durante anos, as mulheres continuaram - e continuam – sendo vítimas do machismo na sociedade, este, que implementa características de que o homem é dono da mulher e manda nela, e pensa que pode tratá-la como bem entender. Frente a esse cenário, é que se cristalizam os relacionamentos abusivos, que são cada vez mais vistos no corpo social, embora não sejam algo novo. Contudo, é importante salientar que, com a criação de mais leis que trazem a segurança da mulher como principal objetivo, e as mudanças que a sociedade vêm mostrando ao longo dos anos, a mulher passa a ganhar voz e expõe seus problemas para a comunidade por diversos meios.

A literatura, por exemplo, é um deles. A abordagem de temas relacionados à mulher e aos seus direitos segue ganhando cada vez mais abertura. Apesar da exposição de relacionamentos abusivos em obras literárias ser, em muito, romantizado, sua análise é de grande ajuda para a sociedade, trazendo um bom apoio para a conscientização sobre problema. Assim como muitos outros autores, Sarah J. Maas traz esse problema para as suas obras *Corte de espinhos de rosas* e *Corte de névoa e fúria*, tornando interessante a análise destas. E é por isso que se dá o objetivo deste projeto: analisar e identificar a construção do relacionamento abusivo nas literaturas supracitadas. Os objetivos específicos são: reler as obras *Corte de espinhos e rosas* e *Corte de névoa e fúria* de Sarah J. Maas, analisar a construção dos relacionamentos abusivo e saudável e como eles se materializam nas obras supracitadas.

A problemática que norteará a pesquisa será como Sarah J. Maas constrói os relacionamentos saudável e abusivo em suas obras? Os procedimentos desta pesquisa dar-se-ão em dois passos. O primeiro passo da pesquisa será reler as obras *Corte de espinhos de rosas* e *Corte de névoa e fúria*, da autora Sarah J. Maas. O segundo, será analisar, sob o ponto de vista

da Análise de Conteúdo, de Bardin, a construção do relacionamento abusivo em tais obras, como também em fundamentações teóricas relacionadas com os relacionamentos abusivos. Antes, é necessário entender a historicidade dos relacionamentos, o que será visto no próximo capítulo.

2 RELACIONAMENTOS: UM OLHAR SOCIAL E PSICOLÓGICO

De acordo com o Dicionário on-line de português (2019), relacionamento é o "ato de relacionar, de estabelecer uma ligação entre algo ou alguém." Seu significado está na ligação afetiva, profissional ou de amizade entre pessoas que se unem com os mesmos objetivos e interesses.

Um relacionamento entre duas ou mais pessoas pode se dar por meio de uma ligação afetiva (namoro, amizade, casamento, parentesco etc), social (apenas para criar contato com outros indivíduos) ou profissional (trabalho ou estudos). Conforme o dicionário de significados:

É comum o termo “relacionamento” remeter para a relação amorosa entre um casal quando se usa a palavra isolada. Por exemplo: “O meu relacionamento não vai bem”. Entretanto, o termo pode se referir a qualquer tipo de relação (DICIONÁRIO ON-LINE DE SIGNIFICADOS, 2019).

No âmbito profissional, a comunicação tende a ser contínua, pois há uma convivência entre os indivíduos. Nesse campo, as pessoas tendem a falar sobre assuntos profissionais como metas ou tarefas, mas também podem compartilhar coisas das suas vidas pessoais, aproximando-se mais uns dos outros e podendo, assim, gerar um relacionamento pessoal. Ademais, ter um bom relacionamento com o círculo profissional é imprescindível para o sucesso profissional de qualquer indivíduo, já que geram um *networking* de qualidade, bem como contribuem para um clima positivo na equipe.

O relacionamento no trabalho se refere às relações que surgem no ambiente de trabalho. Estas também podem criar um vínculo afetivo em alguns casos, mas o surgimento da relação acontece em razão da relação de trabalho que existe entre as pessoas. (DICIONÁRIO ON-LINE DE SIGNIFICADOS, 2019).

Já no âmbito afetivo, os indivíduos tendem a ser mais intensos e vulneráveis na forma de se comunicar, ligando-se numa profundidade maior com o outro. Esse tipo de relação se mantém por afeto, cumplicidade emocional e afinidade intelectual entre os sujeitos. Dentre as formas de se relacionar nesse âmbito, temos a amizade, o parentesco e o relacionamento amoroso. Essas, “são as relações que nascem e se mantêm não por uma obrigação de relacionamento, mas porque existe afeto, cumplicidade e afinidade emocional e intelectual entre as pessoas envolvidas”. (DICIONÁRIO ON-LINE DE SIGNIFICADOS, 2019).

Na amizade, as pessoas buscam indivíduos que sejam confiáveis, respeitosos, que lhes tragam prazer na companhia e lhes ajudem quando preciso. Para isso, é necessário que eles tenham coisas em comum e coisas que os complementam, como características que faltam em um e têm no outro, e gostos semelhantes para filmes, livros, músicas etc.

Segundo Fehr (1996, p.7), a amizade é “um relacionamento pessoal e voluntário, que propicia intimidade e ajuda, no qual as duas partes gostam uma da outra e da companhia uma da outra”. Assim, para que a amizade se fortaleça, é mais provável que os indivíduos precisem de uma certa familiaridade, pois é mais fácil pessoas se aproximarem daqueles que as cercam, por isso é muito comum pessoas fazerem amizades na escola e no trabalho, pois, ali, há uma certa convivência constante entre os sujeitos.

No parentesco, encontra-se a família (pais, irmãos, primos etc). Nesse campo, as pessoas se conhecem há muito tempo, pois, aqui, eles não possuem só coisas em comum e uma convivência constante, como, também, um laço de sangue. Porém, nesse âmbito é muito mais comum haver conflitos, visto que, por serem parentes, os indivíduos estão propícios a ter de conviver, mesmo quando não se entendem.

No relacionamento amoroso, os indivíduos tendem a buscar pessoas que os atraia fisicamente, os inspire, e os trate de forma especial. Além dessas características, os sujeitos esperam por alguém em quem possam confiar, que os respeitem e que correspondam os seus sentimentos. Nesse âmbito, as pessoas se atraem sexualmente pelo outro, e estão propícias a querer se relacionar de forma mais íntima e intensa com o outro.

Nesse ponto, os laços se dão por interesses e sonhos em comum, ou seja, um ser complementa o outro. Dessa forma, o sentimento é mais forte que a amizade, mesmo que, no início, o relacionamento possa se caracterizar como uma. Nesse campo, as pessoas se amam e tendem a buscar constituir uma outra família com essa pessoa. Dentro desse âmbito existem vários tipos de relacionamento amorosos, no entanto é importante mencionar o heterossexual, em que duas pessoas de sexo opostos se atraem uma pela outra; o homossexual, em que duas pessoas do mesmo sexo se encantam uma pela outra; e o pansexual, em que três ou mais pessoas se atraem uma pela outra e entram em um relacionamento poligâmico.

Independentemente do tipo de relacionamento amoroso, são encontrados relacionamentos ruins, os considerados abusivos, e relacionamentos bons, os saudáveis. Relacionamentos esses, que serão abordados a seguir.

2.1 RELACIONAMENTOS SAUDÁVEIS

Os relacionamentos amorosos fazem parte do cotidiano humano, desde conversas informais a filmes, revistas, séries, livros e músicas abordam tal tema todos os dias, e junto a isso inúmeras teorias vêm sendo formadas ao longo dos anos.

Teoricamente, o amor tende a se manifestar mediante o desenvolvimento de um sentimento amoroso (amor) por determinado indivíduo, sendo tal sentimento uma das mais intensas emoções humanas (STERBERG; GRAJEK, 1984) e um tipo específico de atração interpessoal (ALFERES, 2004), também considerado fundamental para uma relação amorosa de sucesso (CASSEPP-BORGES; TEODORO, 2007). O amor desde muito tempo é visto como o principal motivo para haver matrimônios e também como uma das maiores fontes de felicidade humana.

No entanto, vale ressaltar que aquilo que pode trazer felicidade para alguns pode não trazer felicidade para outros. As pessoas são muito diferentes, e assim como elas os relacionamentos também são, desse modo os valores que durante muitos anos estiveram presente na sociedade para caracterizar relacionamentos saudáveis não existem mais, o que realmente existe são características que podem ser consideradas o oposto de saudável: abusivo, compulsivo, doentio etc.

[...] é possível concluir que não há fórmulas mágicas para definir se uma relação é mais ou menos saudável que outra. O que há, sim, são limites para aquilo que pode ser considerado justamente o oposto de saudável: abusivo, compulsivo e doentio, por exemplo. (BROTTO, 2019).

Diante disso, vamos dar exemplos de atitudes e características que se encaixariam no conceito mais comumente conhecido como relacionamento saudável, e abordaremos também o que é preciso fazer para construir esse tipo de relação. Em geral, um relacionamento saudável é aquele que possui respeito, autonomia, carinho, atenção e liberdade em doses equilibradas. É aquele que dá igualdade de oportunidades para ambos os envolvidos, gerando assim um ambiente harmônico. De acordo com Brotto (2019), é aquela relação “leve”, sem tantas pressões e cobranças desmedidas, que acabam consumindo a energia e tirando a vitalidade de quem sofre com elas.

Muitos acham que para uma relação ser mantida é necessário fazer inúmeros sacrifícios, mas muitas vezes apenas um pouco de bom senso já é suficiente, além de um grande

desejo de cuidar da pessoa que se ama. Manter uma relação positiva é uma demonstração do respeito que temos pelos outros. Para um relacionamento ser mais saudável que outros há quatro pilares básicos que ele deve ter: um apego saudável, satisfação das necessidades básicas, capacidade para resolver problemas e capacidade de reconstrução.

O apego saudável consiste em construir uma ligação especial com a pessoa que amamos. Segundo Sabater (2019), a maioria das pessoas associa a palavra apego à relação que as crianças estabelecem com os seus pais. São os laços afetivos iniciais que permitem o desenvolvimento do amor e carinho essenciais para que a criança cresça com confiança. Quando falamos da relação de casal a dinâmica é semelhante, pois todos nós precisamos estabelecer uma ligação especial com a pessoa que amamos. Mas deve-se tomar cuidado, pois nem todo apego é saudável e auxilia na construção de um relacionamento enriquecedor.

Para um apego ser saudável a relação deve ter estabelecido a confiança. Relações ansiosas ou distantes não geram um apego saudável. Em uma relação baseada na confiança as pessoas são maduras e não constroem dúvidas sobre o parceiro ou a parceira. Segundo Sabater (2019), pessoas maduras não têm que cultivar dúvidas constantes sobre o parceiro (a) porque o laço de afeto e confiança se sobrepõe ao medo de ser enganado, traído ou abandonado.

Já nas relações ansiosas e distantes há um apego que deixa de ser saudável. As relações ansiosas são aquelas em que o parceiro tem grandes dúvidas sobre o outro, está sempre preocupado e possui uma necessidade de controlar a outra pessoa. Como fala Sabater (2019), são aquelas relações onde provas de amor são exigidas o tempo todo. Há tentativa constante de controle sobre a outra pessoa. As relações distantes são aquelas onde não existe afeto, as pessoas são apegadas a outra a ponto de não conseguirem terminar a relação, mas o afeto já não existe mais. Segundo Sabater (2019), seria o polo oposto da relação ansiosa. Nesse caso, a indiferença e o desprezo se destacam e há pouca necessidade de demonstrar afeto para a outra pessoa.

Numa relação saudável o pilar da satisfação das necessidades básicas consiste em satisfazer as necessidades um do outro, como respeito, afeto, atenção, apoio e suporte. Segundo Sabater (2019), a construção de um casal deve ser definida por um projeto comum onde todos os esforços visem o bem-estar de cada um e dos dois como um todo.

Há dimensões essenciais que definem relações enriquecedoras, como sermos respeitados e compreendidos pelos nossos parceiros. Receber apoio quando precisamos ou uma palavra de suporte quando estamos preocupados, por exemplo. Aqui falamos daquele abraço que cura tudo ou mesmo daquele olhar de cumplicidade que não requer explicação. (SABATER, 2019).

Um relacionamento saudável também possui a capacidade de resolver problemas, para isso precisa-se de compreensão, empatia, habilidades de comunicação adequadas, não se concentrar apenas em um aspecto, mas ver tanto o lado positivo como o lado negativo da relação, propor ideias para solucionar os problemas e bom senso de humor. Segundo Sabater (2019), o senso de humor é aquele que relativa todas as situações e ao mesmo tempo facilita as coisas.

O quarto e último ponto, capacidade de reconstrução, consiste em saber assumir seus erros e vontade de adaptação. Segundo Sabater (2019), cometer um erro é uma grande oportunidade de aprendizado e conhecimento. Enquanto existir um casal os conflitos serão necessários para o alinhamento uma vez que cada um deve ter suas próprias vontades e gostos.

Agora, se você realmente ama alguém, você certamente buscará meios para administrar essas diferenças. Após os problemas, a reconstrução da relação sempre deverá ser baseada no interesse dos dois, ora adaptando-se mais para um lado, ora mais para o outro, de maneira que haja progresso dos parceiros sem anulação de nenhum. (SABATER, 2019).

Diante disso pode-se compreender que os relacionamentos saudáveis não possuem uma forma exata, pois o que pode ser bom para alguns pode não ser bom para outros, o que existe é aquilo que é o contrário de saudável, ou seja, abusivo. Para assimilar relacionamentos abusivos será falado, antes, sobre a história do machismo, para compreender sua influência nos relacionamentos abusivos.

2.2 A MASCULINIDADE EM CRISE

Durante dois milênios, o termo *one-sex-model* ou monismo sexual, que via a mulher como um homem invertido, defeituoso, e criava a ideia de que a perfeição estava na anatomia do homem, dominou a sociedade. A relação entre reprodução, sexo e orgasmo, tudo seguia o ideal de perfeição masculina, como descreve Silva:

O modelo de perfeição estava representado na anatomia masculina, onde a regra fálica, distinguia perfeitamente o domínio de superioridade e inferioridade masculina e feminina respectivamente. Concebida como um homem invertido e inferior, a mulher será um sujeito menos desenvolvido na escala da perfeição metafísica. (SILVA, 2020).

No entanto, no final do século XVIII e durante o século XIX, o conceito de *two-sex-model* surgiu. Se anteriormente o que diferenciava os homens das mulheres era a anatomia, com o surgimento desse novo conceito, as diferenças passaram a ser político-ideológicas, carregando sentidos que trouxeram consigo o preconceito sobre as mulheres. “Justificando e impondo diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos, de acordo com as exigências da sociedade burguesa, capitalista, individualista, nacionalista, imperialista e colonialista implantada nos países europeus.” (COSTA 1995, p. 110-111).

De homem invertido, a mulher passa a ser o inverso do homem, ou, sua forma complementar. Apesar disto, as consequências morais dela advinda, mantieram ainda a inferioridade da mulher no conflito entre as esferas pública e privada, no conceito neoplatônico científico e religioso do mundo e na importância da nova ordem político-econômica do novo estado burguês (COSTA 1995).

As atividades masculinas estavam sempre voltadas para o ambiente externo social, ligadas principalmente à economia e à política, enquanto as mulheres eram aquelas que ficavam em casa cuidando da família e dos serviços domésticos, foi justamente nesse período que a ideia de que desde a era paleolítica eram os homens que saíam para caçar e não as mulheres, como uma consequência do culto ao masculino, que se elevou no século XIX, e vai se voltar principalmente para a concepção política, econômica e social do homem, segundo Laqueur (1991, citado por COSTA, 1995, citado por SILVA, 2020).

Primeiro veio a reprodução das desigualdades sociais e políticas entre homens e mulheres, justificada pela norma natural do sexo. Em seguida, o que era efeito tornou-se causa. A diferença dos sexos passou a fundar a diferença de gêneros masculino e feminino. (SILVA, 2020).

Foi a partir do século XIX, com as diferenças morais e políticas, que começaram a ser apontados os estudos de gênero, trazendo consigo o feminino e o masculino. Corroborando essa ideia, Silva (2020), expõe que “A discussão sobre gêneros perpassou o campo fisiológico e chegou aos ditames das regras e papéis sócio e culturalmente estabelecidos pela sociedade burguesa do século XIX”.

A Revolução Francesa primeiramente, que apregoava os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, e posteriormente a Revolução Industrial e as consequentes guerras mundiais que se sucederam, trouxeram uma desordem no papel do homem burguês, que tentava se reconstruir, fazendo com que se consolidasse uma masculinidade e uma virilidade hegemônica comum a todos os homens. (GAY, 1995; MOSSE, 1998; BADINTER, 1993; ALMEIDA, 1995).

Com o fim da guerra e o poder feminino que começava a ameaçar o controle masculino, surgiu uma necessidade de se mostrar a virilidade e a força do homem, pondo à prova sua sexualidade, causando, assim, a primeira crise de identidade masculina. Segundo Badinter (1993), a crise de identidade masculina surge nos países europeus em que as mulheres disfrutavam de uma liberdade maior do que em outros lugares, e podem exprimir a necessidade de mudança dos valores dominantes da sociedade do século XIX.

A busca das mulheres por igualdade e independência, especialmente forte na Inglaterra, representou o desafio mais efetivo à oposição social dos homens. Esse desafio incluía uma crítica da sexualidade masculina, centrada no duplo padrão de comportamento moral que se esperava de homens e mulheres (MOSSE 1998, p. 293).

Ser homem, no século XIX, significava não ser mulher. Com suas roupas, seu modo de agir, de falar, de andar, sua musculatura e as atividades definidas como “masculinas”, por exemplo as lutas, os homens passam a tentar comprovar sua sexualidade e seu poder social, no entanto, “com a saída das mulheres do espaço privado para o público, como decorrente das duas guerras mundiais, da industrialização e do movimento feminista que ora tentava se firmar, o resultado foi uma verdadeira avalanche de pesquisas, discussões e redefinições de papéis sociais” (SILVA, 2020).

Na medida em que o movimento feminista propunha uma rediscussão acerca dos novos papéis sociais estabelecidos pela norma sexual e moral burguesa, tanto para homens quanto para mulheres, e na medida em que esta discussão passou a ser tomada sob o ponto de vista feminino, passou-se a ficar mais delimitado e fortalecido a representação da mulher enquanto ser social. (SILVA, 2020).

Mas mesmo com a delimitação e a fortificação do papel feminino na sociedade, decorrentes do resultado do fim da Guerra Mundial e das manifestações feministas, as ideias machistas ainda tendem a dominar boa parte dos ideias sociais, como pode ser visto na história, quando conta que os homens paleolíticos eram os que caçavam e sustentavam suas famílias e não as mulheres. Decorrente dessas ideias machistas que foram firmadas no século XIX e passadas para a atual geração, os relacionamentos abusivos carregam boa parte desses ideais. Para isso, será falado mais sobre eles no próximo subitem.

2.3 RELACIONAMENTO ABUSIVO: ORIGEM MACHISTA E SOCIAL

Ao longo dos anos, inúmeras mulheres vêm sofrendo atos de violência, seja física, psicológica, mental, moral, dentre outras formas. Mesmo que consigamos ver muitos desses atos em ambientes de trabalho, ou na rua, esse tipo de violência é muito mais comum no ambiente doméstico, onde se torna muito mais fácil deixar o assunto “invisível”. Assim, segundo Neal (2018, p. 17), “Os padrões de qualquer tipo de abuso são semelhantes. [...] Nunca vi um relacionamento fisicamente abusivo que também não o fosse verbal, emocional e psicologicamente”.

Não existe o perfil de um abusador. O abuso é prevalente em todas as raças, etnias, faixas etárias, religiões origens socioeconômicas e familiares. (COLORADO COALITION AGAINST DOMESTIC VIOLENCE apud NEAL, 2018, P.17). “O que existe são padrões, que inicialmente são sutis, de violência. São pelos padrões sutis clássicos de um abusador que podemos realmente obter a maior visão do relacionamento e a diferenciação de poder entre o abusador e sua parceira.” (NEAL, 2018, P.18).

Corroborando essa ideia, Maia (2017, p.1) diz que “a cultura do machismo há muitos anos vem influenciando na manutenção dos relacionamentos, em que os muitos tipos de violência que assolam mulheres de várias faixas-etárias, classes sociais e níveis culturais, tornam-se cada vez mais gritantes. De acordo com Maia (2017, p.2), durante o período colonial, no Brasil, não havia nenhuma lei que assegurava a segurança e os direitos das mulheres, e apenas em 1932 elas começaram a ter o direito ao voto, pelo novo Código Eleitoral, Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, que indicava no artigo 2º que o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, teria direito de voto.

Porém, é importante salientar que, mesmo após décadas de batalha para conquistar defesa política a favor das mulheres e, finalmente, conquistando-a, as ações ocorreram de forma lenta, pois os debates políticos levaram muito tempo para se tornarem norma.

Um bom exemplo disso é a Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, que criou o mecanismo para controlar e impedir a violência doméstica e familiar contra as mulheres da seguinte forma:

8o do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de

Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências (BRASIL, 2006).

Mesmo que tenha sido alcançado muitos avanços com a lei supracitada, de acordo com o Conselho Nacional de Justiça - CNJ (2020), o Brasil terminou o ano de 2019 com mais de um milhão de processos de violência doméstica e 5,1 mil processos de feminicídio em tramitação na justiça.

“O fato é que os homens são, em geral, fisicamente maiores e mais fortes que as mulheres. Isso automaticamente estabelece uma diferenciação de poder, e as mulheres muitas vezes se sentem intimidadas em algum nível, mesmo que de maneira inconsciente. Sociologicamente falando, as mulheres tem sido dominadas pelos homens ao longo da história, muitas vezes alvo de atos violentos que as forçam a se submeter.” (NEAL, 2018, p. 20).

Desse modo, a cultura brasileira ainda tem grande influência machista, criando uma ideia quase geral de que os homens são quem mandam na casa, na família e em suas mulheres, sendo assim, muitas vezes, elas ainda devem obedecê-lo, respeitá-lo e fazer tudo o que ele quiser, cristalizando a ideia de que o sexo masculino possui domínio sobre a mulher. E, caso ela lhe desrespeite ou desobedeça, ele pode puni-la como bem entender, gerando, dessa forma, relacionamentos abusivos.

Frente a isso, é importante salientar que existem diferentes tipos de abuso. Segundo Avery Neal, na obra “Relações destrutivas: se ele é tão bom assim, por que me sinto tão mal?” (2018), o abuso normalmente tende a acontecer de forma sutil e gradual, o que muitas vezes impossibilita a vítima notar o comportamento abusivo do parceiro. Ademais, o abusador possui um único objetivo: ganhar, fazendo de um tudo para que consiga isso e, quando percebe alguma fraqueza da parceira, a ataca sem piedade. Este se sente mais à vontade na ofensiva e quando percebe que está perdendo sua posição de poder é rápido para contra-atacar. O parceiro abusivo não agirá de forma explícita, pois sabe que, se for completamente explícito nas suas atitudes agressivas, mostrará sua verdadeira face. Ele quer que seus abusos fiquem escondidos para que possa continuar sendo essa “pessoa legal” e, ao mesmo tempo, manipular, intimidar e ameaçar a vítima, para que essa faça o que ele mandar. Frente a isso, Neal (2018, p. 36), colabora dizendo que “O abusador usa todo tipo de tática sutil para conseguir o que quer, desde o humor até a manipulação velada. Ele sabe como baixar sua guarda usando sedução, carisma, lógica ou conquistando simpatia, enquanto habilmente vai ganhando vantagem.”

O parceiro abusivo tende a manipular as circunstâncias para que a vítima pense que a culpa é toda dela, que ela está exagerando e que tudo é coisa de sua cabeça. Quando percebe

que conseguiu isso, passa para a próxima fase do seu jogo, querendo privar a vítima de coisas que esta deseja, contrariando suas opiniões e fazendo de tudo para que o que ele escolhe aconteça, ao mesmo tempo em que confunde a mente de sua parceira, agindo de forma doce e simpática, ao ponto da vítima começar a abrir mão das suas próprias vontades para que as vontades do abusador prevaleçam. E é justamente dessa forma que o agressor vai conseguindo o que deseja, mesmo desrespeitando a parceira, por meio de atos violentos que se intensificam de forma gradual. Corroborando essa ideia, Neal (2018) expõe que:

Com cada ato de controle, ele testa seus limites e, quando se safa com seu comportamento, interpreta isso como sinal verde para fazer de novo. Só que, da próxima vez, o comportamento se intensifica, levando as coisas um passo adiante. Você continua aceitando essas atitudes, acreditando quando ele diz que não se comportará de forma abusiva se você não fizesse isso ou aquilo. À medida que você abaixa a cabeça, o respeito dele por você diminui e ele começa a vê-la como menos do que humana, o que, na cabeça dele, justifica seu comportamento vil.”. (NEAL, 2018, p. 44).

O abusador tende a não ter empatia pelos outros, para ele, o mundo gira a seu redor, se acha que a parceira possui alguma necessidade que interfere na sua, provavelmente vai causar problemas. “Para um abusador, as necessidades do outro são, no mínimo, inconvenientes. Elas prejudicam suas próprias necessidades e exigem que ele pense no que o outro sente. O abusador não olha além de seu próprio umbigo para ver as necessidades do outro.” (NEAAL, 2018, p. 45). Um parceiro abusivo apenas busca o que quer no relacionamento e, se no meio do processo a parceira receber algo que queria, ele pode deixar, ou não, que ela receba novamente.

Não é incomum que a falta de empatia do abusador fique evidente quando você está doente ou tem alguma necessidade específica. Ele não a vê separada dele, nem vê sua humanidade. Ele não se coloca em seu lugar para analisar o que você pode estar sentindo ou vivendo. Suas necessidades são inconvenientes para ele. Ele pode até depreciá-la, ou achar que você tem defeito se estiver passando por algo difícil física ou emocionalmente. Sua fraqueza lhe causa repulsa, e ele expressa sua desaprovação e seu desapontamento. (NEAL, 2018, p. 47).

O parceiro destrutivo se sente autorizado a dominar e controlar a vítima, pois é arrogante e acredita que sabe mais que a parceira, refletindo uma mentalidade extremamente machista, mas, segundo Bancroft (2002) na obra de Neal (2018, p. 50), porém, no fundo, é inseguro e compensa isso de forma justificada, agindo de maneira prejudicial à vítima. Se fosse mais seguro, o abusador poderia viver de forma individual, sem precisar prejudicar outra pessoa, mas o ego frágil dele vê a autonomia da parceira como uma ameaça, e ele acha que tem o dever de desinflar o ego da vítima. “Ele acha que é direito dele mantê-la sob controle e se

sente completamente justificado ao fazê-lo. Isso faz com que ele se sinta mais e mais importante e, assim, não precise enfrentar a questão real, seu próprio sentimento de inferioridade.” (NEAL, 2018, p. 50). O abusador possui uma postura mesquinha e tem ataques de raiva quando sente que os outros não lhe dão o que pensa que merece, dessa forma, parte para a punição, achando que ao punir a vítima a está treinando para a próxima vez.

O jogo deles se baseia no poder e na autopromoção às custas dos outros, e eles são capazes de atropelar tudo e todos com total egocentrismo e indiferença. [...] Como animais predadores, vampiros ou parasitas humanos, esses indivíduos sempre sugam suas presas até o limite improvável de uso e abuso. Na matemática desprezível dos psicopatas, só existe o acréscimo unilateral e predatório, e somente eles são os beneficiados. (SILVA, 2018, p.43-44).

O parceiro destrutivo é mestre em manipulação, sempre dando respostas vagas, evitando dar muitas informações, pois acredita que tais atitudes lhe são vantajosas para manipular sua vítima. Como usa informações para ganhar poder e controle sobre os outros, acredita que todos agiram da mesma maneira. Usa a lógica para manter o controle, trazendo justificativas extremamente sensatas, conseguindo distorcer situações para que tudo seja culpa da vítima, alguns dos melhores abusadores nunca levantam a voz e nunca agem fisicamente, apenas manipulam suas parceiras.

Esses indivíduos verdadeiramente maléficos e ardilosos utilizam "disfarces" tão perfeitos que acreditamos piamente que são seres humanos como nós. Eles são verdadeiros atores da vida real, que mentem com a maior tranquilidade, como se estivessem contando a verdade mais cristalina. E, assim, conseguem deixar seus instintos maquiavélicos absolutamente imperceptíveis aos nossos olhos e sentidos, a ponto de não percebermos a diferença entre aqueles que têm consciência e aqueles que são desprovidos desse nobre atributo. (SILVA, 2018, p. 40).

O abusador nunca se responsabiliza por si e por suas ações, ele apenas exterioriza o problema culpando outra pessoa, pois deseja que a parceira olhe para tudo que está ao redor dela, do relacionamento que ambos possuem e do problema que eles enfrentam no momento para que a vítima não perceba o que de fato está acontecendo. Permitindo, assim, que o abusador atue com agressividade e, ao mesmo tempo, escape de qualquer culpa ou consequência disso. Ele usa o desvio de atenção da parceira como prova de que não fez nada errado. Neal (2018, p. 64) diz que “quando um abusador faz algo errado, ele não consegue – ou não quer – sentir culpa, então justifica seu comportamento. Para evitar assumir a responsabilidade, ele culpa a vítima, facilitando a repetição do abuso.” O fato de o abusador nunca se ver como responsável é o motivo principal deste nunca mudar.

Ademais, fazer-se de vítima é a estratégia de manipulação mais poderosa de um abusador. Este é altamente capaz de fazer a vítima sentir pena de si, sabe exatamente como evocar compaixão, chora falsamente, inventa doenças ou até ameaça suicídio, e como abusadores procuram parceiras extremamente empáticas, fica ainda mais fácil tocá-la com sua vitimização criada. Frente a isso, segundo Neal (2018, p. 67) “Ser a vítima é conveniente para ele porque permite que se comporte da maneira que quiser, já que tem carta branca de sua parceira. Assim, o abusador não tem que se responsabilizar por si mesmo, e isso dá certo porque os abusadores não assumem a responsabilidade por si mesmos ou por suas ações.”.

Meus pacientes relataram (e até hoje o fazem) como essas criaturas invadiram, feriram e arruinaram as suas vidas. Em cada caso foi possível identificar comportamentos suspeitos; uns mais característicos, outros menos. Tudo varia muito de caso para caso, no entanto, em todos, precisamente em todos, pude identificar "o jogo da pena". [...] Eles se utilizam de nossos sentimentos mais nobres para nos dominar e controlar. [...]Esse tipo de alimento para essas criaturas tem efeito extraordinário de poder tal qual o espinafre para o personagem de Popeye dos desenhos infantis. (SILVA, 2018, p. 68).

Um abusador nunca vai agir de forma cruel e manipuladora o tempo todo, muitas vezes, ele sabe ser doce e gentil, fazendo a parceira se sentir conectada a ele; no entanto em momentos oportunos em que o parceiro destrutivo percebe uma brecha para retificar seu poder e controle, ele agirá de forma abusiva, mas, logo após o episódio explosivo, volta a agir de forma doce. Esse padrão é chamado de bate/assopra, pois, segundo Neal (2018, p. 71), “o abusador precisa manter sua persona encantadora e vitoriosa, não só para evitar que a vítima vá embora, mas também para preservar sua imagem diante dos outros, pois sabe que se agir de forma destrutiva desde o início e o tempo todo, as pessoas próximas a parceira e até ela mesma notarão sua perversidade cedo demais e o relacionamento poderá chegar ao fim.”.

Podemos considerá-los autênticas criaturas das trevas. Possuem um extraordinário poder de nos importunar e de nos hipnotizar com o objetivo maquiavélico de anestesiar nosso poder de julgamento e nossa racionalidade. Com histórias imaginárias e falsas promessas nos fazem sucumbir ao seu jogo e, totalmente entregues à sorte, perdemos nossos bens materiais ou somos dominados mental e psicologicamente. (SILVA, 2018, p. 48).

Além disso, um parceiro destrutivo é muito ciumento, ele se sente ameaçado pelas conexões da parceira com outras pessoas. Como um abusador não vê a parceira separada dele, mas como uma parte de si mesmo, este acredita que deve decidir em que medida a vítima pode ter outros relacionamentos próximos. O ciúme de um parceiro abusivo é provocado pelo tempo que a parceira dedica a outras pessoas, isso inclui amigos, parentes e até filhos, isso ocorre pois

no fundo o abusador sabe que o que faz é errado, e sabe que se a parceira tiver outras conexões isso aumentará a autoestima dela e ela receberá apoio, fazendo com que fique muito mais fácil para a vítima abandoná-lo. Segundo Neal (2018, p. 77), se o abusador perceber que as pessoas do convívio da parceira não gostam dele, torna-se ainda mais territorial, e a raiva e o ressentimento em relação a elas se intensificam. Se ficar completamente desesperado, o parceiro destrutivo poderá exigir que a vítima tire todas essas pessoas da vida dela.

Um abusador ataca com inteligência as pessoas de quem você gosta. Ele sabe que não pode dizer algo completamente falso, de modo que é provável que haja um pouco de verdade em suas queixas contra amigos e familiares. Então você começa a justificar e talvez até a concordar com as acusações dele. Quando vê uma rachadura na base das relações entre você e seu sistema de apoio, o abusador tira vantagem disso. Explora isso de maneiras muito inteligentes, sabendo até onde chegar sem isolar você. Antes que você perceba, suas relações mais próximas com seus entes queridos já não serão tão próximas, o que fará você se apegar ainda mais a seu abusador, uma vez que ele será seu principal “apoio”. (NEAL, 2018, p. 78).

Diante disso, pode-se notar que o parceiro abusador isola sua parceira, porém de início nada é tão claro, quem está de fora pode notar todo esse afastamento, mas quem está no relacionamento dificilmente perceberá. *A priori*, o abusador fingirá querer se aproximar das pessoas próximas a parceira, mas, aos poucos, passará a fazer comentários ardilosos em relação a estas e começará a criar conflitos desnecessários, confundindo a vítima. Conforme a relação abusiva avança, os relacionamentos próximos que a abusada possuía acabam mudando, e sua opinião vai se alinhando com a do parceiro abusivo. A vítima passa a se sentindo impotente e exausta, e conforme existam rachaduras nos alicerces de todas as outras relações, o isolamento se torna automático.

Todos de fora poderão perceber que você se tornou uma concha. Você não é mais como era. Está fraca, ou deprimida, ou ansiosa, ou tudo isso junto. Não faz mais as coisas que lhe davam prazer. Você perdeu sua centelha, seu eu vibrante, e seu entusiasmo pela vida morreu. [...] Está completamente isolada de seus entes queridos mais próximos, mas, o mais importante, está isolada de si mesma. (NEAL, 2018, p. 83-84).

Há, ainda, a questão de que o abusador se sente justificado a liberar sua raiva com punição caso a parceira diga não aos limites que ele impõe, ou tenha algum tipo de resposta emocional as suas atitudes. Isso é sua vingança. O parceiro destrutivo não aceita que a vítima se afirme como parte separada dele e que tenha capacidade de fugir do seu controle e dos seus jogos. Segundo Neal (2018, p. 84), “a punição dele atinge dois propósitos: primeiro, ele se sente justificado a liberar parte de sua raiva; segundo, o castigo serve como um aviso para você não

o confrontar.” O castigo é sempre severo para descapacitar a vítima de ir contra o abusador, como sugere Neal (2018, p. 88), conforme a parceira vai tentando evitar as minas terrestres, após ser punida, mais o abusador consegue exatamente o que quer.

Numa relação abusiva, a questão é ter o controle. Tudo que um parceiro abusivo faz, desde manipular habilmente a vítima, até acabar lentamente com sua autoconfiança, é feito com o objetivo de controlá-la. Neal (2018, p. 91), diz que: um dos primeiros sinais de controle, e talvez o mais penetrante em uma relação abusiva, é o abusador tentar convencer a vítima do contrário, minimizar seus sentimentos, ou a atacar por conta deles. Esse comportamento no relacionamento pode ser tão sutil que a parceira nem o detecte. Para um parceiro abusivo, a vítima não tem direito a suas próprias experiências ou a qualquer sentimento. Ele quer controlar tudo, e mesmo que os sentimentos da outra pessoa não sejam algo que se possa controlar, isso não o impede de tentar.

O abusador vê qualquer poder que você tenha (autoconfiança, autoestima, realização, independência financeira, outras relações próximas, seus próprios pensamentos independentes dele, seus próprios sentimentos etc.) como uma ameaça para ele. Essas coisas a podem dar força e o apoio dos outros, tornando-a, assim, independente dele. Como ele precisa estar no poder o tempo todo, qualquer coisa que potencialmente possa ameaçar essa posição deve ser reduzida e eliminada. (NEAL, 2018, p. 92).

Além disso, o humor é uma das maiores armas usadas pelo abusador. Algumas das situações mais dolorosas de abuso estão disfarçadas com humor. Porque é dessa forma que o abusador consegue não arcar com a culpa das suas críticas e das coisas horríveis que diz. Ao revestir as críticas de humor, o abusador pode dizer que estava “só brincando”, ou que a vítima é “sensível demais” e não se pode brincar com ela, mas há um pouco de verdade no que este diz, ou as inseguranças da parceira são atacadas. “O abuso, mesmo disfarçado de humor, tem a intenção de desumanizar. A intenção é ser degradante e humilhante.” (NEAL, 2018, p. 97).

Como o abusador tem pouca, ou nenhuma, empatia para com os outros, ele é menos propenso a ver a parceira como um ser humano, levando, assim, à coisificação da vítima. Um parceiro destrutivo vê a parceira como um objeto restrito a seu uso, como alguém a quem possuir. Seu comportamento ultrajante e controlador refletem ainda mais a ideia de que, para o abusador, a vítima é apenas uma extensão dele. A coisificação sempre acontece em um relacionamento abusivo, pois o parceiro abusador não pode permitir espaço para as necessidades e vontades da parceira. No entanto, é mais fácil identificar esse comportamento na relação física com o abusador, é muito comum as mulheres que enfrentam relacionamentos abusivos sentirem que não são verdadeiramente vistas pelos parceiros, que o ato sexual entre

eles é vazio, que o parceiro é tão agressivo que aparenta estar com raiva dela, ou que ele não se importa com o seu prazer. E isso de fato acontece, pois um parceiro abusador só se importa consigo e com o que a vítima pode fazer para ele, muitas vezes, agindo de forma fria, ou até mesmo violenta e agressiva, até querer sexo e mudar seu comportamento para conseguir o que deseja.

O abusador distorce as coisas para fazer você sentir que tem “sorte” por ele a haver escolhido e que você deveria ser grata por ele ainda a querer. Como já foi dito, isso acontece gradualmente, e em pouco tempo você talvez nem se reconheça, porque foi levada muito além do limite dentro do qual se sentia confortável. Depois do ato, talvez você se sinta “repugnante” ou mal em relação a si mesma por haver feito algo que não lhe parecia certo. (NEAL, 2018, p. 101-102).

Todas as características expostas acima, marcam o abuso emocional que a vítima de relacionamentos abusivos sofre, visto que os abusadores tendem a ser muito sutis em suas atitudes negativas, por essa razão os relacionamentos abusivos possuem mais violência emocional do que física. Segundo Marques, Campbell (1992, p. 291) considera que o abuso emocional compreende comportamentos que podem ser usados para aterrorizar a vítima... que não envolvam o uso de força física. Já Gondolf (1987 *apud* MARQUES, 2005), argumenta que este é um processo que provoca a influência direta de danos mentais através de ameaças ou limitações contra o bem-estar da vítima. “Pode-se assim dizer que o abuso emocional ameaça os limites do bem estar da vítima, aterroriza e provoca danos mentais. É um processo em que o agressor sistematicamente diminui e destrói o outro.” (MARQUES, 2005, p. 86).

No entanto, há ainda, a violência física, que consiste em “atos carregados com a intenção, de causar dor ou injúrias físicas contra outra pessoa.” (STRAUS; GELLES, 1986 *apud* MARQUES, 2005). A violência física é o uso de força com o objetivo de ferir e pode variar de pequenos ferimentos até o assassinato. Corroborando com a ideia de punição que Neal (2018) explica em sua obra “Relações destrutivas: se ele é tão bom assim, por que me sinto tão mal?” e que foi citado anteriormente neste capítulo, a violência física é uma variação, uma intensificação, das ameaças, dos xingamentos, da manipulação que caracterizam o abuso emocional. Outros atos de violência que um relacionamento abusivo possui é o sexual e o econômico, o primeiro consiste em estupros e ataques físicos as partes sexuais da vítima, já o segundo consiste em ataques as finanças do parceiro abusado, como tomar posse das finanças da vítima prometendo que vai a administrar, porém a utilizando para seu próprio proveito, ou mesmo utilizando-se dos bens materiais do outro, como casa, carro e tudo o mais, como se fossem seus.

Assim, os casos de relacionamentos abusivos são retratados em diversos meios, como forma, inclusive, de prevenção contra tais atitudes que configuram-se machistas e que, muitas vezes, o sexo feminino as romantiza, achando que é uma forma de amor, de gostar, de cuidar do outro, como acontece quando o ciúme do parceiro é exagerado, assustador.

Dentre esses meios, tem-se a literatura que, por meio de histórias ficcionais, trazem o assunto em questão à discussão. Assim, as obras “Corte de espinhos de rosas” e “Corte de névoa e fúria”, da autora Sarah J. Maas, serão os objetos desta pesquisa. Antes, é necessário conhecer um pouco sobre cada obra.

3 ENTRE “CORTE DE ESPINHOS E ROSAS” E “CORTE DE NÉVOA E FÚRIA”: O MACHISMO EVIDENTE

Sarah J. Maas nasceu na cidade de Nova Iorque, no dia 5 de março de 1986. Frequentou a Universidade de Hamilton onde se formou em escrita criativa e ensino religioso, com honras em 2008. Focada principalmente em fantasias, a autora conquistou o patamar de *best-seller* com suas obras da série “Trono de vidro”, que ela começou a escrever com 16 anos, levando o primeiro livro a ser publicado em 2009. Atualmente, a autora mora no estado de Pensilvânia com o marido e o filho.

Em 2008, Sarah começou a escrever a série “Corte de espinhos e rosas”, o primeiro livro, publicado em 2009, é inspirado no conto de fadas “A bela e a fera”; já, o segundo, é inspirado por várias músicas, disponíveis em uma *playlist* que a própria autora montou no *spotify*, mas principalmente pelo conto de Hades e Perséfone.

Para que se possa conhecer melhor quais são as obras que este trabalho propõe-se a analisar, é que se justifica os próximos dois subitens.

3.1 “CORTE DE ESPINHOS E ROSAS”

Corte de espinhos e rosas apresenta um enredo contextualizado no conto de *fadadas A bela e a fera*, e sua história se passa num mundo fantasioso dividido entre feéricos e humanos por uma muralha mágica, e nos apresenta a Feyre Archeron, uma jovem humana de 19 anos que vive com seu pai e suas duas irmãs num pequeno chalé no lado do território humano da “Muralha”. Seu pai, um comerciante falido, viúvo, aleijado e com três filhas para criar não possui condições suficientes para sustentar a família, então atribui tal tarefa à filha do meio, Feyre, já que esta era a única que tinha jeito para a caça e a que havia feito a promessa à sua falecida esposa que cuidaria da família. Por esta razão, a jovem garota passa os dias da sua insignificante e miserável existência caçando para, além de se sustentar, sustentar seu pai e suas duas irmãs, Nestha e Elain.

No entanto, quando um severo inverno passa a dar sinais de que se aproximava, Feyre se vê obrigada a arranjar uma excelente caça para sobreviver aos meses pálidos e frios

que se seguiriam, e decide matar um lobo, grande demais para sua espécie, e vender seu couro para conseguir moedas e comprar algumas coisas para suas duas irmãs. Porém, o que ela não esperava é que tal animal seria, na verdade, um ser mágico e que sua atitude a levaria diretamente para “Prythian”, além da muralha mágica que se estendia pela floresta, e a colocaria na “Corte Primavera”, a primeira das 7 cortes feéricas de “Prythian”.

Ao ser levada, obrigatoriamente, por uma besta gigante até a “Corte Primavera”, Feyre conhece Tamlin, o Grão-Senhor do lugar, e Lucien, seu emissário, e passa a viver com eles e os criados no palácio da corte. Uma vez instalada em sua nova casa e completamente temerosa, Feyre passa a planejar sua fuga, mas é chantageada por Tamlin, que, sendo completamente persuasivo, consegue a convencer de ficar com ele na “Corte Primavera”.

Aos longos dos dias, Feyre acaba construindo uma amizade com Lucien, e passa a se aproximar de Tamlin, criando sentimentos amorosos pelo Grão-Senhor e, posteriormente, se envolvendo amorosamente com o ser impetuoso e belo. No entanto, uma maldição assola todo o território “Prythian”, e Tamlin se vê obrigado a enviar Feyre de volta para sua família, tentando poupá-la da morte indubitável.

Ao chegar na nova mansão de sua família, Feyre trata de contar tudo as suas duas irmãs, Nestha e Elain, e acaba percebendo o real motivo de estar ali, então, decide voltar para a “Corte Primavera”, a fim de salvar seu querido Grão-Senhor e seu povo das garras de Amarantha, a rainha malvada da história. Porém, ao chegar no seu novo lar, Feyre apenas encontra uma de suas criadas, e a destruição causada pelos capangas da vilã. Ouvindo atentamente as instruções de sua amiga e criada, Feyre decide seguir até o coração de “Prythian”, “Sob a Montanha”, onde se encontrava o castelo de Amarantha, e onde seu amado Grão-Senhor e seu povo estavam aprisionados.

Ao chegar até “Sob a Montanha”, e adentrar a montanha, onde o castelo de Amarantha havia sido construído, a mortal humana tenta se manter escondida, mas é pega por um dos capangas da vilã, e levada diretamente à sala do trono, onde é jogada de joelhos diante de Amarantha e, surpreendentemente, de Tamlin, que agora se assentava ao lado da rainha. Cega demais para perceber o quanto o tão amado Grão-Senhor era, na verdade, egoísta e sedento por poder a ponto de aceitar se sentar ao lado do inimigo de todo o seu povo, Feyre faz um acordo com Amarantha para salvar Tamlin e os moradores da “Corte Primavera”.

Sendo exposta a três tarefas atormentadoras e sendo mantida presa, tratada como um animal, Feyre se doa a Tamlin, se destrói por ele, sem notar o quanto tudo aquilo a desgastava, sem notar o quanto aquilo a fazia mal. De bom grado, põe sua própria vida, mortal e frágil, em risco, sem receber suporte ou qualquer cuidado do seu amado Grão-Senhor, que

mesmo assistindo à garota ser destruída e morrer aos poucos dia após dia, não era capaz de arriscar e levantar-se do trono que ficava ao lado de Amarantha. Com o passar dos dias, Rhysand, o Grão-Senhor da “Corte Noturna”, a última e mais poderosa das cortes feéricas de “Prythian”, passa a se arriscar e começa a cuidar de Feyre, a auxiliando sorrateiramente nas tarefas, e cuidando de sua saúde física, mas principalmente mental, porém com uma condição, que a garota humana passasse uma semana de cada mês com ele na “Corte Noturna”, quando todo aquele terror “Sob a Montanha” acabasse e os feéricos fossem libertos.

Quando a última tarefa se sucedeu, Feyre, com o auxílio de Rhysand, consegue vencê-la, e Amarantha se vê obrigada a soltar a garota e todo o povo feérico de “Prythian”, assim como seu acordo com Feyre designava, mas a rainha ardilosa se nega a cumprir com sua parte, e após muito lutar com Feyre, e também com Rhysand, que se prontifica a ajudar a humana mesmo fraco e com uma parcela de seu poder contido, mata a amada de Tamlin. Irado com tal atitude, Rhysand se prontifica a enfraquecer Amarantha, para que Tamlin a mate, enquanto o Grão-Senhor da “Corte Noturna” tenta convencer todos os outros Grão-Senhores feéricos de “Prythian” a doarem uma pequena parte do seu poder para ressuscitar Feyre Archeron como Grã-Feérica; e assim acontece, todos os sete Grão-Senhores de “Prythian” doam uma semente de seu poder para Feyre, que ressuscita como feérica e vai embora com Tamlin para a “Corte Primavera”.

3.2 “CORTE DE NÉVOA E FÚRIA”

No segundo livro, sendo uma continuação do primeiro, Feyre, agora como feérica, volta para a “Corte Primavera” com seu amado Grão-Senhor e é pedida em casamento. Sofrendo com as memórias dos dias em que foi mantida presa “Sob a Montanha”, acostumando-se com sua nova forma e ocupada com os preparativos do casamento, a garota é mantida longe dos assuntos oficiais e presa em roupas que não a agradam. Além de estar afundando mais e mais na dor e na escuridão.

Ao tentar conversar com Tamlin, ele sempre arranja um jeito de mudar de assunto, ou de calá-la, e Feyre nunca é notada verdadeiramente por ele. Aos poucos, a garota acaba emagrecendo cada vez mais, perdendo a vontade das coisas e sendo assustada e agredida pelo noivo.

No dia do casamento, querendo desistir daquilo tudo, Feyre acaba desejando alguém para salvá-la, para tirá-la daquele lugar. Os desejos da garota, por fim, são atendidos, pois ela é capturada por Rhysand e levada para a “Corte Noturna”, afim de cumprir com o acordo que fez com o Grão-Senhor, quando esse a auxiliou “Sob a Montanha”. Ele tenta convencê-la a praticar sua leitura, já que ela não sabia ler, e a treinar suas habilidades feéricas, porém, Feyre se recusa a ser treinada por Rhysand, e apenas aprende a ler e a escrever antes de voltar para a “Corte Primavera”.

Assim que volta para Tamlin, consegue conversar com ele sobre o casamento, mas o noivo ordena que sejam colocados guardas para protegê-la, e a proíbe de sair de casa sem a presença dele. Cansada de ficar em casa, Feyre tenta ir com Tamlin e Lucien para uma ronda na “Muralha”, pois esta encontrava-se danificada e a “Corte Primavera” era a mais próxima dela; entretanto, Tamlin a proíbe, erguendo um escudo ao redor da casa e prendendo Feyre dentro de sua própria casa.

Feyre, tendo uma crise de pânico devido aos traumas causados pelo tempo em que ficou presa no castelo de Amarantha, expõe todos os seus poderes, herdados dos sete Grão-Senhores de “Prythian”, e quase destrói a si mesma e aos seus guardas e empregados, mas é salva por Rhysand, que a leva para a “Corte Noturna”.

Na “Corte Noturna”, Feyre é apresentada a todos os membros do círculo íntimo de Rhysand e se sente mais segura e à vontade do que em sua própria corte. Aos poucos, Rhysand acaba se mostrando uma pessoa sensata e confiável, além de um bom amigo, sempre cuidando e se preocupando com Feyre e suas vontades, ajuda-a a superar seus medos e seus traumas, trazendo de volta a sua vida e saúde.

Feyre passa a treinar seus poderes com Rhysand, a luta e autodefesa com Cassian e Azriel, guerreiros Illyrianos que são amigos íntimos de Rhysand, e constrói uma excelente amizade com Amren e Mor, também amigas íntimas de Rhysand. Aos poucos, Feyre vai ficando mais habilidosa e mais próxima do Grão-Senhor da “Corte Noturna”, sentindo-se atraída por ele, assim como o mesmo já se sentia por ela; logo, envolvendo-se amorosamente com o Grão-Senhor mais poderoso de “Prythian”, e descobrindo que eram parceiros. Um laço de parceria para os feéricos é algo raro e mais respeitado que o próprio casamento. Parceiros têm uma ligação emocional e espiritual tão genuína que um consegue ler a mente do outro e se comunicar mentalmente por meio do laço invisível que ambos carregam, são almas iguais que se compreendem e se comunicam de forma natural.

Porém, a cada dia, a guerra ia chegando mais perto, o rei de “Hybern” estava disposto a destruir quem ficasse em seu caminho para usar o Caldeirão e retomar o poder sobre

os humanos. Feyre e Rhys, junto com todo exército Illyriano e o círculo íntimo, tentavam, diariamente, mais e mais impedir o cruel rei; contudo chegou um momento em que a única forma de o impedir era destruir o Caldeirão ou morrer tentando.

Entretanto, o que a “Corte Noturna” não sabia é que tudo havia sido uma armadilha, pois Tamlin fizera um acordo com o rei: este, deixá-lo-ia usar a “Corte Primavera” para chegar até a “Muralha”, destruí-la e retomar o poder sobre os humanos, caso trouxesse de volta Feyre para Tamlin. Então, Feyre e os outros foram capturados, mas, ao montarem uma armadilha, conseguiram escapar e voltaram para a “Corte Noturna”.

No entanto, mesmo após retornarem à corte, Feyre, Rhysand e os outros sabiam que o rei e Tamlin não iriam descansar até ela estar novamente na “Corte Primavera”. Desse modo, montaram um plano: enviariam Feyre para lá como uma informante e uma espiã, assim, ela poderia relatar-lhes todos os passos tomados pelo inimigo. Desse modo, Rhysand e Feyre se casaram, tornando-a Grã-Senhora da “Corte Noturna”, e ela é levada de volta para a “Corte Primavera”, com o objetivo de observar tudo o que fosse possível para, dessa forma, ajudar a impedir a guerra.

3.3 O ABUSO GRADUAL NA SAGA “CORTE DE ESPINHOS E ROSAS”

Sarah J. Maas consegue encantar a todos com Tamlin no primeiro livro da saga de *Corte de espinhos e rosas*, levando cada leitor a, juntamente com Feyre Archeron, apaixonar-se pelo personagem. Com cabelos longos, dourados como os primeiros raios de sol pela manhã, e olhos verdes como as folhas na primavera, Tamlin, o Grão-Senhor da “Corte Primavera”, é belo, poderoso e sedutor, até mesmo sua arrogância torna-se um charme em suas mãos e, se voltando para Feyre, consegue levar a garota, assim como todos os leitores pelos seus jogos cativantes. Para notar qualquer indício abusivo que o poderoso feérico possa ter, é preciso ler com muita atenção e com um olhar completamente analítico cada linha escrita por Sarah, visto que a autora consegue realmente provar a afirmação de Neal, na sua obra “Relações destrutivas: se ele é tão bom assim, por que me sinto tão mal?”, sobre o abuso, muitas vezes, ser sutil e gradual, a violação é sutil, pois os parceiros abusivos tendem a utilizar os abusos psicológico e emocional primeiramente, fazendo com que as vítimas não percebam que estão sendo

manipuladas e que essa relação está as destruindo, pois os agressores normalmente são carinhosos e parecem possuir uma boa índole.

Já a característica gradual do abuso ocorre devido ao fato dos parceiros destrutivos irem demonstrando sua natureza cruel e controladora aos poucos. Nenhum abusador será completamente explícito desde o início, mas agirá de modo muito sutil. Quanto ao modo sutil como essa agressão acontece, já pode ser percebido desde o início da história.

A obra retrata a sutileza do abuso desde a primeira aparição de Tamlin para Feyre, na sua forma bestial, com um rosto felino e um corpo humano, porém muito maior do que o normal, o Grão-Senhor da “Corte Primavera” aparece para buscar Feyre, devido ao fato desta ter matado um dos seus soldados que estava camuflado magicamente de lobo, e levá-la para sua corte, conforme o tratado entre feéricos e humanos pedia. Ao longo da caminhada por entre a floresta até a muralha que separava os povos, Feyre tentou saber o nome do ser mágico, mas, quando ambos se aproximaram da fronteira, o poderoso feérico encanta a garota para que essa durma.

Abri a boca para perguntar mais uma vez o nome dele, mas um grunhido de irritação saiu de dentro do animal. Eu não tive tempo de lutar, de revidar, quando um odor metálico e forte penetrou meu nariz. A exaustão recaiu sobre mim, e a escuridão me engoliu inteira. [...] Quanto tempo a magia tinha me mantido inconsciente? Quanto tempo *ele* tinha me mantido inconsciente, em vez de falar comigo? Dois dias; levou dois dias do meu chalé até chegarmos à muralha e atravessarmos a fronteira mais ao sul de Prythian. (MAAS, 2017, p. 54).

Quando se lê a citação acima, sem qualquer busca por uma característica, no mínimo, suspeita, que possa ser carregada de alguma atitude abusiva, desde uma grosseria até um contato físico mais bruto, pode-se supor que o Grão-Senhor apenas encantou Feyre para que ela dormisse, pois queria proteger o segredo de como adentrar nas terras feéricas, ou até mesmo porque a garota tagarelou tanto que o cansou; mas a verdade é que Tamlin não queria dar tantas informações de si mesmo para aquela simples humana, mesmo que soubesse tudo sobre ela; bem como não queria também que ela conseguisse escapar de forma tão fácil do seu cativeiro. De acordo com Neal (2018, p. 54), o abusador tende a se manter sempre na defensiva, “ele dá respostas vagas, não quer lhe dá informações, pois acredita que isso pode lhe dar vantagens.”. Ademais, Marques (2005, p. 89) afirma que “somente o medo permite a manutenção do controle”. O abusador usa das informações da vítima para ganhar poder e controle sobre ela, desse modo, ser evasivo lhe faz sentir como um vencedor, pois com isso pode ameaçar a vítima e as pessoas que, esta, ama, gerando medo. Pode-se notar essa atitude por parte de Tamlin em outras citações, como:

– Vou dar um aviso – disse Tamlin baixinho demais. – Apenas um, e depois é com você, humana. Não me importa se for morar em outro lugar de Prythian. Mas, se atravessar a muralha, se fugir, sua família não será mais assistida.

As palavras eram como uma pedrada na cabeça. Se eu escapasse, se sequer tentasse fugir... poderia muito bem condenar minha família. [...]

Abri a boca, mas o grunhido de Tamlin chacoalhou os copos.

– Esse não é um bom acordo? E, se fugir, talvez não tenha tanta sorte com quem quer que a busque em seguida. – As garras do feérico deslizaram de volta para debaixo dos nós dos dedos. – A comida não está enfeitada, não contém drogas, e será sua própria culpa se desmaiar. Então, vai se sentar a esta mesa e comer, Feyre. E Lucien fará o possível para ser educado. – Tamlin lançou um olhar contundente na direção de Lucien. O amigo deu de ombros. (MAAS, 2017, p. 71).

- Aonde vai? – Consegui dizer.

- É Calanmai – declarou Tamlin, simplesmente. – Preciso ir. – Ele indicou com o queixo as fogueiras e os tambores.

- Fazer o quê? – Perguntei, olhando para o arco na mão dele. Meu coração ecoou os tambores do lado de fora, escalonando para uma batida mais selvagem.

Os olhos verdes estavam sombrios sob a máscara com moldura dourada.

- Como Grão-Senhor, preciso participar do Grande Rito.

- O que é Grande...

- Vá para seu aposento – grunhiu Tamlin, e olhou para as fogueiras. – Tranque as portas, monte uma armadilha, faça o que faz.

- Por quê? – Indaguei. A voz do Attor sibilou em minha memória. Ele dissera algo sobre um ritual bastante feérico, que diabos era? Pelas armas, devia ser brutal e violento, principalmente se a forma animal de Tamlin não era arma o bastante.

- Simplesmente faça o que falei. – Seus caninos começaram a se alongar. Meu coração começou a palpitar. – Não saia até chegar a manhã. (MAAS, 2017, p. 193-194).

Nas citações supracitadas, nota-se não só a manipulação do que a vítima pode ou não saber, mas também a necessidade que um abusador sente de exibir seu controle quando o consegue. Na primeira passagem apresentada, Tamlin utiliza da ameaça para conseguir controlar Feyre e, quando essa pensa em fugir da “Corte Primavera”, ele, sabendo sobre as condições da família da garota e prometendo-a que está cuidando deles enviando aos humanos uma parcela de dinheiro mensal, resolve ameaçar Feyre dizendo que, se ela fugir, se sair daquela corte e voltar para as terras humanas, sua família será condenada à miséria e ela certamente morrerá, gerando medo na garota. E quando percebe que conseguiu, expõe seu poder ordenando a Lucien – o emissário da “Corte Primavera” – que seja mais educado.

Corroborando com isso, Neal (2018) afirma que o abusador tende a querer, do seu próprio modo, exibir seu controle quando consegue que a vítima faça o que ele quer. Já na segunda citação apresentada, pode-se inferir, além da manipulação do que a vítima pode saber, a necessidade de controle que um abusador possui. Tudo que um parceiro psicologicamente abusivo faz é para controlar sua vítima, pois sente necessidade de dominá-la inteiramente. Sobre isso, Marques (2005, p. 72) aborda que “A Comissão da APA sobre Violência e Família (AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION - APA, 1996) definiu violência doméstica como um padrão de comportamentos abusivos incluindo uma ampla gama de maus tratos físicos,

sexuais e psicológicos usados por uma pessoa para conquistar poder injustamente e ou manter o abuso do poder, controle e autoridade [...]”. Quando Tamlin obriga Feyre a ficar em seu quarto, mesmo sem explicá-la que no “Grande Rito” seus instintos mais primitivos estariam soltos e que ele escolheria uma garota para manter viva a magia que envolvia a “Corte Primavera” a partir do coito dos dois, sua necessidade de controle e seu abuso de poder se tornam explícitas.

Além disso, é possível notar também a extrema necessidade de poder que Tamlin possuía em outras passagens:

- Eu quero ir.

- Não.

Cruzei os braços, enfiando a mão tatuada sob o bíceps direito, e separei um pouco mais os pés no piso de terra dos estábulos.

- Faz três meses. Nada aconteceu, e a aldeia não fica nem oito quilômetros...

- Não.

[...]

Mas quando Tamlin seguiu para o lugar em que o cavalo preto já estava selado, trinquei os dentes e o segui.

- A aldeia precisa de toda ajuda que puder.

- E nós ainda estamos caçando as bestas de Amarantha.

[...]

- Tudo bem – suspirei. Eu me obriguei a encarar Tamlin, me obriguei a sorrir. (MAAS, 2019, p. 17-20).

Tamlin ficou de pé e deu a volta na mesa, mais e mais perto, cada movimento suave e letal; um predador cujo sangue emanava poder. Foi um esforço me manter parada – principalmente quando ele pegou uma travessa, levou até mim e colocou carne e molho em meu prato.

Falei em voz baixa:

- Posso me servir sozinha. – Qualquer coisa, *qualquer* coisa para mantê-lo longe.

Tamlin parou tão perto que um movimento daquelas garras à espreita sob sua pele poderia rasgar minha garganta. Era por isso que o boldrié de couro não tinha armas: porque usá-las quando você mesmo é letal?

– É uma honra para um humano ser servido por um Grão-Feérico – disse ele, rispidamente. (MAAS, 2017, p. 68).

Diante disso, nota-se que Tamlin, com seu ar ameaçador, intimidava Feyre, forçando-a sutilmente, sem que ela notasse, a fazer o que ele desejasse. Tamlin almejava respeito, obediência, mas, principalmente, desejava deixar claro quem mandava em tudo e em todos. O Grão-Senhor não tratava apenas Feyre de forma ríspida, mas todo o seu povo do mesmo modo, ríspida e arrogantemente. Em “Corte de névoa e fúria”, o segundo livro da saga de Sarah J. Maas, é possível se deparar com “o dia do tributo”, um ritual em que o Grão-Senhor exige de seu povo uma parcela de dinheiro para que esses possam continuar vivendo em sua corte e, se eles não o pagassem, ele os mandava embora, ou até matava-os, sem piedade. Tal forma de agir revela que Tamlin possui uma extrema necessidade de poder, bem como uma

grande falta de empatia. Essas características abusivas podem ser percebidas em outras passagens da obra:

Então, olhei para o trono de pedra negra ao lado dela, e meus braços falharam sob o corpo.

Ele ainda usava a máscara dourada, vestia as roupas de guerreiro, aquele boldrié; embora ali não houvesse facas embainhadas... sequer uma arma, em qualquer parte dele. Os olhos não se arregalaram; a boca não se contraiu. Nenhuma garra, nenhuma presa. Ele apenas me encarou, inexpressivo – insensível. Impetuoso. (MAAS, 2017, p. 306).

Por Tamlin eu fiz aquilo; por ele, eu, com prazer, destruí a mim e a minha alma imortal.

E agora tinha a eternidade para conviver com isso.

Continuei até a cama, cada passo mais pesado, mais difícil. Os lençóis agora estavam frios e secos, e me deitei, curvando as costas na direção de Tamlin, envolvendo meu corpo com os braços. Sua respiração era profunda... tranquila. Mas com meus ouvidos feéricos... Às vezes eu me perguntava se ouvia a respiração dele falhar, apenas por um segundo.

Jamais tive coragem de perguntar se ele estava acordado.

Tamlin jamais acordava quando os pesadelos me tiravam do sono, jamais acordava quando eu vomitava as entranhas, noite após noite. Se sabia ou se ouvia, não comentava nada. (MAAS, 2019, p. 15-16).

Sendo assim, o *modus operandi* revela que, essas passagens supracitadas não são casos isolados, mas uma soma de comportamentos, que, juntos, configuram-se como padrões de conduta abusivos. A falta de empatia é algo muito marcante nos parceiros psicologicamente abusivos, e não é incomum que se acentue quando a vítima esteja doente ou passando por alguma dificuldade. Os parceiros abusivos tendem a pensar apenas em si mesmos, pois são seres egoístas. Prova disso, Neal (2018, p. 45) diz que “Para um abusador, as necessidades do outro são, no mínimo, inconvenientes. Elas prejudicam suas próprias necessidades e exigem que ele pense no que o outro sente.”. Já Silva (2018), afirma que:

“Na matemática desprezível dos psicopatas, só existe o acréscimo unilateral e predatório, e somente eles são os beneficiados [...] Os psicopatas, em geral, são indivíduos frios, calculistas, inescrupulosos, dissimulados, mentirosos, sedutores e que visam apenas o próprio benefício. São incapazes de estabelecer vínculos afetivos ou de se colocarem no lugar do outro.” (SILVA, 2018, p. 43-44).

Desse modo as relações que os parceiros destrutivos constroem são para obter controle sobre a vítima e, assim, conseguirem o que querem.

Uma outra citação que expõe a falta de empatia de Tamlin é:

- Tola – disse Tamlin para mim, se virando. – Se algum dia fugir, pelo menos faça-o durante o dia. – Ele me encarou, as presas se retraindo devagar. As garras permaneceram. – Há coisas piores que o Bogge vagando por esses bosques à noite.

Aquela coisa no portão não é uma delas, e mesmo assim teria se demorado muito enquanto devorava você.

[...]

- Pode me culpar? Meu pai aleijado aparece sob minha janela, e acha que não vou correr atrás dele? Realmente achou que eu ficaria aqui para *sempre* alegremente, mesmo que tivesse cuidado da minha família, tudo por causa de um Tratado que não teve nada a ver comigo e permite que *seu povo* massacre o meu quando quiser?

Tamlin flexionou os dedos, como se tentasse fazer as garras se recolherem outra vez, mas elas permaneceram projetadas, prontas para dilacerar carne e osso.

- O que você quer, Feyre?

- Quero ir para *casa*!

- Para casa, para que, exatamente? Prefere aquela existência humana miserável a isto? (MAAS, 2017, p. 108).

Na citação supracitada, é possível compreender não apenas a falta de empatia do abusador, mas também uma sutil agressão verbal. Corroborando essa ideia, Neal (2018) afirma que, a princípio, os abusadores tendem a humilhar as pessoas próximas à vítima, como integrantes familiares e amigos, mas, ao longo do tempo, essas humilhações passam a ser dirigidas diretamente às parceiras. Normalmente, os abusadores humilharão suas vítimas quando ambos estiverem a sós, mas isso também pode ocorrer em lugares públicos, deixando a humilhação muito mais evidente para terceiros.

Além disso, é possível notar uma tentativa sutil de isolar Feyre, pois Tamlin menospreza tudo que envolvia sua vida no lado humano da “Muralha”, refletindo outra característica abusiva. De acordo com Neal (2018), o abusador a princípio se mostra interessado em conhecer seus amigos e seus parentes, e mostra-se devoto a eles, entretanto, aos poucos, começa a humilhá-los, a dizer que não são bons o bastante para o relacionamento que a vítima e ele possuem e, aos poucos, passa a direcionar as humilhações para a vítima, persuadindo-a a distanciar-se de tais amizades, até ela estar completamente isolada.

Esse isolamento completo em “Corte de espinhos e rosas” se dá quando Feyre, ao insistir e ir com Tamlin e Lucien a uma ronda pela “Muralha” é impedida pelo Grão-Senhor e é trancada por ele em casa:

Vou junto, queira você ou não.

- Não, não vai. – Tamlin passou pela porta, as garras golpeando o ar na lateral do corpo, e chegou à metade das escadas antes que eu alcançasse o batente da porta.

Onde me choquei contra uma parede invisível.

Cambaleei para trás, tentando reorganizar minha mente diante daquela impossibilidade. Era idêntica àquela que eu construíra naquele dia no escritório, e vasculhei os cacos da minha alma, meu coração, buscando por um fio que me levasse àquele escudo, imaginando se eu tinha me bloqueado, mas... nenhum poder emanava de mim.

Estendi a mão para o ar na porta. E encontrei a resistência sólida.

- Tamlin – falei, rouca.

Mas ele já estava na entrada e caminhava na direção dos imensos portões de ferro. [...]

- Tamlin – falei de novo, e empurrei a parede.

Tamlin não se virou.

[...]

Respirar se tornou difícil.

Eu estava presa.

Estava presa dentro de casa. Podia muito bem estar Sob a Montanha, podia muito bem estar dentro daquela cela de novo...

Recuei, meus passos estavam leves demais, rápidos demais, e me choquei contra a mesa de carvalho no centro do saguão. Nenhuma das sentinelas próximas foi investigar.

Ele tinha me prendido ali dentro; ele tinha me trancafiado. (MAAS, 2019, p. 135-136).

Além do isolamento social, é possível notar a ideia de punição que essa atitude de Tamlin possui. Sobre isso, Neal (2018) afirma que, quando contrariado, o abusador tende a punir a vítima, para que essa não repita tal atitude, justamente porque não aceita o fato da parceira se afirmar como parte separada de si mesmo. Para o parceiro destrutivo, a sua vítima é parte dele mesmo e, por ela “pertencer” a ele, o abusador pensa que pode decidir e escolher tudo pela parceira. A punição para o parceiro psicologicamente abusivo serve como uma vingança, um castigo. “O castigo é sempre severo para dissuadir você de ir contra o abusador.” (NEAL, 2018, p. 85).

Como fora falado anteriormente, os abusadores tendem a pensar apenas em si mesmos, e tudo deve ocorrer conforme eles desejam, justamente por isso, quando a vítima não age de acordo com a sua vontade, ele se sente autorizado a puni-la. Outra citação que remete à ideia de punição é:

- Senti seu cheiro – sussurrou ele, o peito pintado, subindo e descendo muito perto do meu. – Procurei por você, e você não estava lá.

Ele fedia a magia. Quando olhei nos seus olhos, resquícios de poder brilhavam ali. Nenhuma bondade, nada daquele humor sarcástico e das repreensões gentis. O Tamlin que eu conhecia tinha ido embora.

- Solte – falei, o mais calmo que pude, mas as garras dele se projetaram, se enterraram na madeira acima de minhas mãos. Ainda inebriado pela magia, ele estava semisselvagem.

- Você me deixou louco – grunhiu Tamlin, e o som ressoou pelo meu pescoço, pelos meus seios, até que eles doessem. – Procurei por você, e você não estava lá. Quando não a encontrei – disse ele, aproximando o rosto do meu, até que nossas respirações se misturassem - , fui obrigado a escolher outra.

Não conseguia escapar. Não estava tão certa se queria.

- E ela me pediu pra não ser carinhoso – grunhiu Tamlin, os dentes brilhando ao luar. Ele levou os lábios a minha orelha. – Eu teria sido carinhoso com você, no entanto. – Cada centímetro do meu corpo se tencionou quando as palavras ecoaram por mim. – Eu faria com que você gemesse meu nome o tempo todo. E eu teria me demorado muito, muito mesmo, Feyre. – Tamlin disse meu nome como uma carícia, e o hálito morno fez cócegas em minha orelha.

Minhas costas se arquearam levemente.

Tamlin puxou as garras da parede, e meus joelhos falharam quando ele me soltou. Segurei a parede para evitar afundar no chão, para evitar agarrar Tamlin... para bater ou acariciar, eu não sabia. Abri os olhos. Ele ainda sorria; sorria como um animal.

- Por que eu iria querer as sobras de alguém? – Falei, fazendo menção de empurrar Tamlin para longe. Ele segurou minha mão de novo e mordeu meu pescoço.

[...]

- Jamais me desobedeça de novo – Falou Tamlin, a voz como um ronronar grave que ricocheteou por meu corpo, despertando tudo e acalentando tudo a reboque. (MAAS, 2017, p. 205-207).

Quando o Grão-Senhor morde Feyre, encontra-se de forma explícita a personalidade abusiva do personagem, pois ocorre a agressão física. Ele morde Feyre justamente porque ela não o obedece, trazendo com isso a ideia de punição. Somando-se a isso Avery Neal (2018) afirma que nem sempre o parceiro destrutivo punirá ou abusará de sua vítima no mesmo momento em que essa lhe confronta, visto que há uma grande probabilidade de ele fazer isso após muito tempo.

Ao longo da obra de Maas, Feyre confronta Tamlin e assume uma postura de ser individual, fazendo as suas próprias escolhas e agindo por conta própria, mas Tamlin não a agride, apenas a repreende gentilmente, esforçando-se para isso. No entanto, quando a garota lhe desobedece e sai de seus aposentos no meio da noite, Tamlin se sente à vontade para liberar sua raiva. Ainda pode-se notar, na citação supracitada, a confusão da vítima quanto a seu parceiro abusivo, assim como Feyre não sabia se acariciava ou batia em Tamlin, as vítimas de relacionamentos abusivos se sentem confusas com seus parceiros, pois, ao mesmo tempo em eles são bons e carinhos, também são cruéis e impiedosos, como Tamlin. Encontra-se a capacidade de Tamlin de ser bondoso quando, ele, ao discutir com Feyre por ela ter dado algumas de suas joias para um espectro da água que não podia pagar o tributo a Tamlin, pede-lhe desculpas e resolve dar-lhe um presente:

Olhar para aquela caixa, para o que estava dentro, foi como examinar um cadáver limpo por um corvo.

Tentei sorrir. Tentei desejar que alguma alegria percorresse meus olhos.

Tamlin falou:

- Você não gostou.

- Não – consegui responder. – Não, é maravilhoso. – E era. Era mesmo.

- Achei que conseguisse pintar de novo... – Esperei que Tamlin terminasse.

Ele não terminou.

Meu rosto corou.

- E você? – perguntei, baixinho. – A papelada vai ajudar com alguma coisa?

Ousei encarar Tamlin. Seu temperamento se acendeu ali. Mas Tamlin disse:

- Não estamos falando de mim. Estamos falando... de você.

Observei a caixa e o conteúdo novamente.

- Sequer permitirão que eu perambule por onde quiser para pintar? Ou haverá uma escolta também?

Silêncio.

Um não; e um sim, então.

Comecei a tremer, mas por mim, por nós, eu me obriguei a dizer:

- Tamlin... Tamlin, não posso viver com guardas em volta de mim dia e noite. Não posso viver com esse sufocamento. Apenas me deixe ajudá-lo... me deixe trabalhar com você.

- Você já ofereceu o suficiente, Feyre.

- Eu sei. Mas... – Eu o encarei. Encarei Tamlin de volta, todo o poder do Grão-Senhor da Corte Primavera. – É mais difícil me matar agora. Sou mais rápida, mais forte...
 - Minha família era mais rápida e mais forte que você. E foram assassinados com muita facilidade.
 - *Então, case com alguém que possa suportar isso.*
 Ele piscou. Devagar. Depois, falou com a voz terrivelmente baixa:
 - Não quer se casar comigo, então?
 Tentei não olhar para o anel em meu dedo, para aquela esmeralda.
 - É claro que quero. É claro que quero. – Minha voz falhou. – Mas você... Tamlin... –
 As paredes pareceram se aproximar. O silêncio, os guardas, os olhares. O que eu vira no Tributo aquele dia. – Estou me afogando – consegui dizer. – Estou me afogando. E quanto mais faz isso, quanto mais guardas... Poderia muito bem estar enfiando minha cabeça na água.
 Nada naqueles olhos, nada naquele rosto.
 Mas então...
 Gritei, o instinto tomou conta quando o poder de Tamlin irrompeu pelo cômodo. As janelas se quebraram.
 A mobília partiu.
 E aquela caixa de tintas e pincéis e papel...
 Ela explodiu em poeira, vidro e madeira. (MAAS, 2019, p. 112-113).

No entanto, quando Tamlin nota que Feyre não se sentiu confortável com o presente, novamente explode e a puni. Além disso, é possível notar a necessidade de monitoramento que um abusador possui; sobre isso, Neal (2018) coloca que o parceiro destrutivo tende a perder o controle se não souber o que está acontecendo, desse modo, busca saber constantemente onde a parceira está e o que está fazendo. Desse modo, Tamlin passou a monitorar Feyre a partir dos guardas, pois não queria que ela escapasse novamente, também não poderia segui-la o tempo todo, devido aos deveres de Grão-Senhor. Já quando Feyre fala como se sente em relação aos guardas constantemente ao seu redor, Tamlin vê seu poder sendo confrontado e dessa forma explode.

É importante evidenciar que a necessidade de poder de um abusador é seu principal foco, justamente porque tudo o que ameaça a sua posição dominante gera-lhe irritabilidade e insegurança. Pode-se inferir que Tamlin é completamente inseguro em relação ao seu poder e facilmente se sente ameaçado, como é possível verificar na citação a seguir:

- Em breve – murmurou Tamlin, e aqueles dedos voltaram para minha cintura. Eu quase gemi. – Em breve você será minha esposa, e ficará tudo bem. Deixaremos tudo isso para trás.
 [...]
 - Como todos me chamarão então?
 [...]
 - Hm? – disse ele, e o tremor contra meu mamilo me fez contorcer o corpo.
 - Todos vão me chamar de “esposa de Tamlin”? Eu ganho um... título?
 Ele ergueu a cabeça por tempo suficiente para me olhar.
 - Você quer um título?
 [...]

- Não – respondi com um arquejo. – Mas não quero que as pessoas... – Que o Caldeirão me fervesse, aqueles malditos dedos... – Não sei se aguento que me chamem de Grã-Senhora.

[...]

- Não vão – Disse Tamlin contra minha pele, posicionando-se sobre mim de novo e deslizando por meu corpo, deixando beijos conforme seguia. – Não existe algo como uma Grã-Senhora.

[...]

- Como assim não existe algo como uma Grã-Senhora?

O calor do toque... tudo parou.

[...]

- Grão-Senhores apenas tomam esposas. Consortes. Jamais houve uma Grã-Senhora.

- Mas a mãe de Lucien...

- É Senhora da Corte Outonal. Não Grã-Senhora. Exatamente como você será Senhora da Corte Primavera. Eles vão se dirigir a você como se dirigem a ela. Respeitarão você como a respeitam. – Tamlin voltou a olhar para o que estava a centímetros de sua boca.

- Então, a mãe de Lucien...

- Não quero ouvir o nome de outro macho em seus lábios agora – grunhiu, e abaixou a boca até mim. (MAAS, 2019, p. 32-33).

Além de notar-se uma mentalidade machista em Tamlin, pode-se ser observado um ciúme elevado, quando nota que Feyre mostra-se interessada demais na família de seu amigo Lucien, Tamlin pede para que ela pare de falar sobre “outro macho”, mesmo que este fosse seu amigo e emissário. De acordo com Neal (2018), os abusadores são extremamente assim: ciumentos e se sentem ameaçados quando suas parceiras possuem outras relações próximas. Feyre e Lucien acabaram construindo uma próxima amizade ao longo da estadia dela na “Corte Primavera”, e quando Tamlin nota que sua noiva está interessada na mãe do amigo, isso soa-lhe como uma ameaça, primeiro porque se Feyre colocasse em sua mente que deseja uma posição semelhante a de que a mãe de Lucien possuía na “Corte Outonal”, isso afetaria sua própria posição de poder, segundo porque Feyre e Lucien são amigos, e como sente que possui a garota, considera-se ameaçado pela amizade que Feyre construiu com o emissário.

Outro momento que demonstra essa ideia de que Tamlin dispõe, sobre possuir Feyre:

- Ele pode ferir você de outras formas – ponderou Tamlin, a voz rouca, fechando os olhos ao sentir meu toque.

- Eu sei... mas estou bem. Estou mesmo – respondi o mais carinhosamente que pude. Então, reparei nas paredes do escritório, nas marcas de garras que formavam sulcos até embaixo. Por todas elas. E a mesa que estava usando... era nova. – Você destruiu o escritório.

- Destruí metade da casa – disse Tamlin, inclinando-se para a frente, a fim de tocar minha testa com a dele. – Ele a levou embora, roubou você... (MAAS, 2019, p. 93).

Tamlin sente que possui Feyre e que essa é parte dele mesmo. Quando Rhysand – o Grão-Senhor da “Corte Noturna” - leva Feyre para sua corte, devido ao acordo que ambos

fizeram ainda “Sob a Montanha”, quando ela foi presa por Amarantha, a primeira vilã da história, Tamlin perde totalmente o controle, destrói metade de sua casa. E no momento que sua noiva volta e percebe todos os danos que ele causou, o Grão-Senhor justifica dizendo que Rhys a roubou dele, confirmando a afirmação de Neal (2018), que diz que os abusadores veem suas parceiras como parte de si mesmos e como alguém a quem possuem, pois são inseguros demais para assumirem que suas companheiras são seres individuais que possuem suas próprias opiniões. Além disso, as explosões de Tamlin, que ocorrem mais de uma vez ao longo da obra, podem ser interpretadas como um sinal da sua natureza destrutiva e violenta. Sempre que um abusador é contrariado ou algo do gênero, ele se sente autorizado a liberar a raiva por meio de diferentes formas de punição. De posse dessa informação, analisa-se o fato de que as constantes cenas em que Tamlin destrói partes da casa revelam uma forma de abusos psicológico e emocional que Feyre enfrenta, pois essa, ao ver as barbaridades que o noivo é capaz de fazer, como destruir toda a mobília quando fica irado, sente-se assustada, pois imagina o que Tamlin é capaz de fazer com ela caso o leve ao limite.

- Estou pensando que devia ser uma tola apaixonada para permitir que me fosse mostrado tão pouco da Corte Primavera. Estou pensando que há muito daquele território que jamais me foi permitido ver ou saber que existe, e talvez eu tivesse vivido em ignorância para sempre, como algum bicho de estimação. Estou pensando...
– Engasguei com as palavras. Sacudi a cabeça, como se pudesse afastar aquelas que restavam. Mas mesmo assim as falei: - Estou pensando que era uma pessoa solitária e sem esperanças, e talvez tivesse me apaixonado pela primeira coisa que me mostrou um pingo de bondade e segurança. E estou pensando que talvez ele soubesse disso... talvez não conscientemente, mas talvez ele quisesse ser aquela pessoa para alguém. E talvez isso desse certo para quem eu era antes. Talvez não dê certo para quem... o que sou agora. (MAAS, 2019, p. 169).

No momento em que Feyre percebe que havia sido abusada por Tamlin, com a ajuda de Rhysand, e quando percebe que merecia e poderia conseguir algo melhor, pois tinha direito a isso, a garota compartilha com o Grão-Senhor da “Corte Noturna” o que nota, revelando a primeira etapa para a mudança.

3.4 O OPOSTO DE ABUSIVO: OLHANDO PARA RHYSAND, O GRÃO-SENHOR DA “CORTE NOTURNA”

Quando Rhysand, o Grão-Senhor da “Corte Noturna” aparece pela primeira vez em “Corte de espinhos e rosas”, os leitores se deparam com “o homem mais lindo” (MAAS, 2017, p. 198) que Feyre Archeron já vira, com os curtos cabelos pretos reluzentes que destacavam a pele clara e os olhos azuis tão profundos que pareciam violeta, Rhys parece ser a perfeição em pessoa, no entanto, sua fama estraga todo encanto que Feyre, ou qualquer leitor, poderia ter por ele. Tachado de cruel e implacável, o mais poderoso Grão-Senhor de “Prythian” é apresentado para Feyre, pelo ponto de vista de Tamlin, e de todos os outros feéricos que a humana possa ter intimidade, como uma ameaça e alguém para se odiar e manter distância.

No entanto, assim Feyre é obrigada a enfrentar uma das provas que Amarantha a enviava para fazer, acaba se machucando, e Rhysand é o único capaz de ir atrás da garota para ver se esta está bem e para ajudá-la com a ferida que, devido à falta de cuidados, estava infeccionada. Curando Feyre, Rhys acaba criando um certo laço com a menina que, no fim, passa a ser sempre assistida pelo poderoso Grão-Senhor.

Chorei mais intensamente, e ele riu. As pedras reverberaram á medida que Rhysand se ajoelhou diante de mim, e, embora eu tivesse tentado lutar contra ele, a mão de Rhys estava firme quando ele segurou meus pulsos e afastou as minhas do rosto. As paredes não estavam se movendo, e o quarto estava aberto... escancarado. Não havia cor alguma, apenas tons de escuridão, de noite. Aqueles olhos violetas salpicados de estrelas brilhavam, cheios de cor, de luz. Rhysand me deu um sorriso preguiçoso antes de inclinar o corpo para a frente. Eu me afastei, mas as mãos de Rhysand eram como grilhões. Não pude fazer nada quando sua boca tocou minha bochecha e Rhys lambeu uma lágrima. [...] Levei um bom tempo para perceber que Rhys, soubesse ele ou não, tinha efetivamente evitado que eu desabasse por completo. (MAAS, 2017, p. 379-380).

Rhysand teve a capacidade de reconstruir Feyre, de evitar que essa desabasse completamente devido aos inúmeros abusos que sofreu presa “Sob a Montanha”. Feyre já estava emocionalmente afetada e iria acabar adoecendo se não fosse pelo Grão-Senhor, revelando que Rhysand, quisesse ele ou não, não era um vilão, nem alguém ruim. Segundo Sabater (2019), não há características de um relacionamento saudável, no entanto há quatro pilares básicos que um relacionamento saudável possui, o pilar do apego saudável, o da satisfação das necessidades básicas, o da capacidade de resolver problemas e o pilar da capacidade de reconstrução. Quando Feyre está sofrendo devido ao fato de quase ter sido morta se não fosse pelo apoio e ajuda de

Rhysand, esse reaparece para ajudá-la novamente a acalmando com sua escuridão acolhedora e sua empatia, satisfazendo a necessidade de apoio e consolo de Feyre, revelando uma característica do pilar da satisfação das necessidades básicas, que se refere a “receber apoio quando precisamos ou uma palavra de suporte.” (SABATER, 2019).

- Não há Grã-Senhoras.

As sobranceiras de Rhysand se franziram, mas ele sacudiu a cabeça.

- Conversamos sobre isso mais tarde também. Mas sim, Feyre, pode haver Grã-Senhoras. E talvez você não seja uma delas, mas... e se fosse algo semelhante? E se pudesse empunhar o poder de sete Grão-Senhores de uma vez? E se pudesse se dissipar na escuridão, mudar de forma ou congelar uma sala inteira, um exército inteiro?

[...]

- Entende o que isso pode significar em uma guerra iminente? Entende o quanto isso pode destruí-la se não aprender a controlá-lo?

- Um, pare de fazer tantas perguntas retóricas. Dois, não sabemos se eu tenho esses poderes...

- Você tem. Mas precisa começar a dominá-los. A descobrir o que herdou de nós.

- E imagino que seja você quem vai me ensinar também? Ler e erguer um escudo não bastam?

- Enquanto caça comigo o que preciso, sim.

Comecei a sacudir a cabeça.

- Tamlin não vai permitir.

- Tamlin não é seu dono, e você sabe disso.

- Sou súdita dele, e ele é meu Grão-Senhor...

- Você não é súdita de ninguém. (MAAS, 2019, p. 84-85).

Diante disso, sendo o oposto de Tamlin, Rhysand expõe a Feyre que haver Grã-Senhoras era possível, que, inclusive, estava disposto a deixar tudo completamente claro para ela, bem como ensina a garota a se defender; além disso está disposto a levar Feyre consigo para procurar algo que deseja, formulando o que podemos expor ser o contrário de abusivo, visto que de acordo com Brotto (2019) e Sabater (2019) “existe aquilo que é contrário de saudável, ou seja, abusivo”, é possível existir também o contrário de abusivo, ou seja, saudável.

Ao contrário de Tamlin, Rhysand não possui necessidade de controle, nem uma postura defensiva, não esconde de Feyre as informações importantes, nem tenta mantê-la indefesa para abusar dela com a desculpa de estar protegendo-a, mas ensina Feyre a se defender do próprio poder que possui, e se dispõe a ensiná-la a controlar seus poderes.

Além disso, deixa que Feyre tome suas próprias decisões:

- Vou dizer isso uma vez, e apenas uma vez – ronronou Rhysand, caminhando até o mapa na parede. – Pode ser um peão, ser a recompensa de alguém e passar o resto da vida imortal se curvando e buscando aprovação e fingindo ser menos que ele, que Ianthe, que qualquer um de nós. Se quiser escolher esse caminho, então tudo bem. É uma pena, mas a escolha é sua. – A sombra de asas ondulou de novo. – Mas conheço você, mais do que você percebe, acho, e não acredito por um minuto que esteja

remotamente satisfeita em ser um troféu bonitinho para alguém que ficou sentado durante quase cinquenta anos, e então ficou sentado enquanto você era despedaçada... (MAAS, 2019, p. 85).

Expondo mais uma característica do pilar da reconstrução de um relacionamento saudável, Rhysand demonstra estar disposto a deixar com que Feyre decida por si mesma se quer o ajudar e se quer a ajuda dele para treinar seus poderes, ou não. Demonstrando a característica de adaptação que este pilar possui. Segundo Sabater (2019), numa relação saudável ambas as partes estão dispostas a entrar em um consenso para que a vontade das duas partes seja atendida, ora se voltando mais para o lado de um ora se voltando mais para o lado do outro, caracterizando uma ação de adaptação em que ambas as partes se satisfaçam.

- Quando eu voltar...
 - Como sua presença aqui não é parte do nosso dever mensal, não tem qualquer obrigação de voltar. – Rhys esfregou a têmpora. – A não ser que queira.
 A questão caiu sobre mim como uma pedra afundado para o fundo de um lago. Havia tanto silêncio em mim, tanto... nada.
 - Ele me trancafiou naquela casa. – Eu consegui dizer.
 A sombra de asas poderosas se abriu atrás da cadeira de Rhys. Mas o rosto estava calmo quando disse:
 - Eu sei. Eu senti. Mesmo com os escudos erguidos... para variar.
 Eu me obriguei a encarar Rhys de volta.
 - Não tenho para onde ir.
 Era um pedido e uma súplica.
 Rhys gesticulou com a mão, as asas sumiram.
 - Fique aqui por quanto tempo quiser. Fique para sempre se tiver vontade.
 - Eu... eu precisarei voltar em algum momento.
 - É só dizer, e será feito. (MAAS, 2019, p. 140).

A vista disso, nota-se que Rhysand, que retirou Feyre da “Corte Primaveril” quando Tamlin a trancou, salvando sua vida, não utiliza o método do medo para mantê-la em sua corte, mas deixa que Feyre decida por si mesma se quer ficar ou não, expondo um comportamento diferente de Tamlin, que utilizava do medo para manter Feyre sob controle. Com Tamlin era sempre a vontade dele, mas com Rhys é sempre a vontade de Feyre. Quando a feérica revela que em algum momento precisará voltar para a “Corte Primaveril”, Rhysand, mesmo não concordando com isso - pois sabia o quanto aquele lugar machucava Feyre – mostrou-se disponível para levá-la de volta, porque sabia que a garota não pertencia a ele ou a qualquer outra pessoa se não a ela mesma. Corroborando essa ideia, Neal (2018, p. 227) afirma que em um relacionamento saudável “ambos têm permissão para ser um indivíduo”.

Mãos... havia mãos em meus ombros, me sacudindo, me espremendo. Eu me debati contra aquelas mãos, gritando, gritando...
 - FEYRE.

A voz era ao mesmo tempo a noite e o alvorecer, e as estrelas e a terra, e cada centímetro do meu corpo se acalmou com sua autoridade primitiva.

- Abra os olhos – ordenou a voz.

Abri.

Minha garganta estava seca, minha boca, cheia de cinzas, meu rosto, ensopado e grudento, e Rhysand... Rhysand estava acima de mim, os olhos arregalados.

- Foi um sonho – disse Rhys, a respiração tão pesada quanto a minha.

O luar que atravessava as janelas iluminava as linhas escuras de tatuagens espiraladas em seu braço, nos ombros, sobre o peito delineado. Como aquela que eu tinha no próprio braço. Rhysand observou meu rosto.

- Um sonho – repetiu ele.

[...]

Empurrei Rhysand com o ombro firme, caí da cama e me choquei contra um pequeno baú antes de disparar para o banheiro, cair de joelhos diante da privada e vomitar as tripas. De novo. De novo. As pontas de meus dedos chiaram contra a porcelana fria. Mãos grandes e quentes puxaram meus cabelos para trás um momento depois.

- Respire – instruiu Rhysand. (MAAS, 2019, p. 199-200).

No capítulo anterior, quando Tamlin estava sendo analisado, foi-se utilizada uma citação em que Feyre relata que sempre que ela acordava no meio da noite, devido aos constantes pesadelos que tinha, seu ex-noivo não acordava nem a questionava se ela estava bem, e se Tamlin ouvia ou sabia de algo, não contava para a garota. Diferentemente do Grão-Senhor da “Corte Primavera”, Rhysand acordou no meio da noite e foi ajudar Feyre a se acalmar; além disso ele também relatou para ela sobre o próprio pesadelo que tinha quando fala “– Tenho esse sonho [...] – Em que não sou eu preso sob ela, mas Cassian ou Azriel. E ela lhes prendeu as asas à cama com estacas, e não posso fazer nada para impedir. Ela me obriga a assistir, e não tenho escolha a não ser ver de que forma fracassei com eles.” (MAAS, 2019, p. 200). Revelando, por certo, seu medo de fracassar com os melhores amigos e de fazer Amren, Azriel, Cassian e Morrigan sofrerem nas mãos dos inimigos.

Nesse viés, ainda, é importante perceber que Rhysand se sacrifica por todos que ama, esforça-se para manter todos do seu círculo íntimo seguros, prefere que seja ele a apanhar do que qualquer um de seus amigos e familiares, revelando um coração nobre e empático, diferente do coração endurecido e antipático que Tamlin possui. A vista disso, Neal (2018) afirma que em relacionamentos saudáveis as pessoas se sentem à vontade para serem vulneráveis, pois há respeito e compreensão das partes na relação. Diferentemente disso, quando Feyre estava com Tamlin, ele não a deixava à vontade para ser vulnerável, e não expunha a sua própria vulnerabilidade, pois via tudo isso como fraqueza.

Incomum, considerando que até eu estava satisfeita com minha aparência e tinha, de novo, escolhido a roupa sozinha: cabelos soltos e afastados do rosto por um arco de ouro rosa trançado, o vestido de alça de *chiffon* rosa-crepúsculo – justo no peito e na cintura – quase idêntico ao roxo que eu tinha usado de manhã. Feminino, suave, lindo. Não me sentia daquela forma havia muito tempo. Não tinha vontade.

Mas ali ser tais coisas não me garantia um ingresso para uma vida como planejadora de festas. Ali eu podia ser tranquila e encantadora ao pôr do sol, e acordar de manhã para colocar meu couro de luta illyriano. (MAAS, 2019, p. 340).

Segundo Neal (2018), em relacionamentos amorosos saudáveis as escolhas e individualidade de ambos são respeitadas. Diante da citação utilizada acima, nota-se que Feyre se sentia à vontade em colocar um vestido e se arrumar, pois sabia que seu desejo de aprender a lutar, de encarar o perigo, de ser forte e guerreira era respeitado por Rhysand e por todos na “Corte Noturna”. Não apenas isso, mas também se sente apoiada, visto que o próprio Grão-Senhor treinava a garota junto com seus dois soldados Illyrianos mais fortes e talentosos, Azriel e Cassian.

Quando Feyre descobre que Rhysand era seu parceiro, seu igual de todas as formas, feito exclusivamente para ela, assim como ela era feita exclusivamente para ele, ambos acabam discutindo, devido ao fato de Rhysand, mesmo sabendo desde o início quem Feyre era, não lhe contar toda a situação. Entretanto, após a briga e alguns dias separados, Feyre e Rhysand resolvem conversar sobre o ocorrido e o Grão-Senhor conta tudo que o levou a esconder a parceria dela, afirmando que se as pessoas soubessem quem ela era “Eles teriam lhe feito coisas tão inomináveis.” (MAAS, 2019, p. 548), que ele preferiu manter essa informação oculta até para Feyre. E contando que, como ela parecia bem com Tamlin, Rhysand a deixou ir com ele, pois só queria que Feyre fosse feliz, mas assumindo que errou escondendo a verdade dela. Revelando que o relacionamento de Rhysand e Feyre possui a característica de resolver problemas que os relacionamentos saudáveis possuem, pois, segundo Sabater (2019), é normal que nas relações hajam conflitos, mas em relacionamentos saudáveis esses conflitos são resolvidos e quem errou admite seu erro, visto que a capacidade de comunicação está presente e há liberdade para a vulnerabilidade.

- E agora quero que saiba, Rhysand, que amo você. Quero que saiba... – Os lábios dele tremiam, e limpei a lágrima que lhe escorreu pela bochecha. – Quero que saiba que – sussurrei – que estou quebrada, e me curando, mas cada pedaço de meu coração pertence a você. E me sinto honrada, *honrada*, por ser sua parceira. Os braços de Rhys me envolveram, e ele apoiou a testa em meu ombro com o corpo trêmulo. Acariciei os cabelos sedosos.” (MAAS, 2019, p. 555).

Diante disso, nota-se mais uma das características das relações saudáveis, pois essas, segundo Neal (2018), “[...] se baseia no amor, não na propriedade. [...], existe confiança porque é seguro ser vulnerável e aberto no relacionamento. A integridade das duas pessoas é preservada.”. Mais uma vez ambos demonstram sua vulnerabilidade para o outro, enquanto

Rhysand chora copiosamente, Feyre é aberta e fala sobre seus sentimentos e sua alma quebrada. A relação entre Feyre e Rhys é baseada no amor, e ambos confiam e respeitam um no outro, mantendo a integridade de ambos preservada e dando-lhes liberdade para expor suas fragilidades.

Rhys recuou de novo, e soltei um ruído de protesto – que se abafou em um arquejo quando ele segurou minhas coxas e me puxou para a beira da mesa, em meio a tintas, pincéis e copos d’água, e depois prendeu minhas pernas por cima dos ombros, para que se apoiassem uma de cada lado daquelas lindas asas, e, em seguida, se ajoelhou diante de mim.

Ajoelhou sobre aquelas estrelas e montanhas pintadas nos joelhos. Rhys não se curvaria a ninguém e a nada...

Exceto a sua parceira. Por sua igual.

[...]

Meu amigo em meio a tantos perigos.

Meu amante, que tinha curado minha alma quebrada e exausta.

Meu parceiro, que esperara por mim contra todas as expectativas, apesar da sorte. (MAAS, 2019, p. 557-559).

Em um relacionamento saudável existe igualdade ente os parceiros e, segundo Neal (2018, p. 228), “Ambos têm a sensação de que têm um *parceiro* de verdade, um companheiro para a vida, e são vistos como realmente são.”. Quando Rhys se ajoelha diante de Feyre, sobre a tatuagem que representava “Velaris”, a cidade da “Corte Noturna”, ele retifica a igualdade que existe entre ele e Feyre. Já quando Feyre expõe quem Rhys era para ela, nota-se a sensação de ter um companheiro para a vida, um parceiro de verdade, que a garota possui. Quanto à igualdade que Feyre e Rhys possuem, é possível notá-la também na citação a seguir:

- Agora, é uma espiã, com ligação direta até mim. O que o rei de Hybern fizer, aonde ele for, quais forem os planos, ela saberá. E nos relatará tudo.

Porque entre nós, fraco e suave, escondido, para que ninguém pudesse encontrar... entre nós havia um sussurro de cor, e de alegria, de luz e de sombra, um sussurro dela. Nosso laço.

- Ela é sua parceira – disparou Amren para mim. – Não sua espiã. Vá atrás dela.

- Ela é minha parceira. E minha espiã – argumentei, baixo demais. – E é a Grã-Senhora da Corte Noturna.

- O quê? – sussurrou Mor.

Com um dedo mental, acariciei aquele laço, agora oculto, bem no fundo de nós, e falei:

- Se tivessem retirado sua outra luva, teriam visto uma segunda tatuagem no braço direito. Idêntica a outra. Pintada na noite passada, quando saímos de fininho, encontramos uma sacerdotisa e fizemos o juramento de que ela seria minha Grã-Senhora.

- Não... Não consorte – disparou Amren, piscando. Eu não a via surpresa havia... séculos.

- Não consorte, não esposa. Feyre é Grã-Senhora da Corte Noturna. – Minha igual de todas as formas; ela usaria minha coroa, se sentaria em um trono ao lado do meu. Jamais nos bastidores, jamais incumbida de procriação e festas e cuidados com as crianças. Minha rainha. (MAAS, 2019, p. 650-651).

De acordo com Neal (2018), nos relacionamentos saudáveis, a voz, as opiniões, os pensamentos e as ideias de ambos devem possuir o mesmo peso, como Feyre se tornara Grã-Senhora da “Corte Noturna”, tudo que ela decidisse, tudo que ela falasse, seria ouvido, respeitado e obedecido, assim como tudo que Rhys falasse e decidisse, revelando a igualdade na relação. Não apenas isso, mas nota-se também, na citação utilizada acima, mais uma vez a capacidade de reconstrução que um relacionamento saudável deve possuir, pois Feyre agora se infiltrara no território do inimigo a fim de ajudar Rhysand e sua corte a descobrirem o que o rei de “Hybern” planejava, para assim poderem se defender e tentar vencer a guerra que se aproximava.

É possível notar, então, que, diferentemente de Tamlin, Rhys respeita a individualidade da parceira, conversa para que cheguem em um acordo, assume seus erros e pede perdão. Também conta tudo a Feyre, e não só isso, como a coloca como Grã-Senhora, para que esta fique por dentro de tudo e ajude a tomar as decisões precisas sobre a “Corte Noturna”.

- Quando Rhys voltou, depois de Amarantha, ele era um fantasma. Fingia que não era, mas era. Você o fez recuperar a vida.

[...]

- Ele tem sorte por ter todos vocês.

- Não – rebateu Amren, baixinho com mais suavidade do que eu jamais ouvira. – Nós temos sorte de tê-lo, Feyre. – Eu me virei da porta. – Conheci muitos Grão-Senhores – continuou Amren, estudando o papel. – Cruéis, espertos, fracos, poderosos. Mas nunca um que sonhava. Não como ele.

- Sonha com quê? – Sussurrei.

- Com paz. Com liberdade. Com um mundo unido, um mundo que floresça. Com algo melhor... para todos nós.

- Ele acha que será lembrado como o vilão da história.

Amren riu com deboche.

- Mas eu esqueci de contar a ele – falei, baixinho, abrindo a porta – que o vilão costuma ser a pessoa que trancafia a donzela e joga a chave fora. (MAAS, 2019, p. 448-449).

Um relacionamento saudável é aquele que cura, é aquele em que os parceiros se respeitam, se amam, se apoiam e se encorajam. É uma relação na qual há um apego saudável, a satisfação das necessidades básicas, a capacidade de resolver problemas e de reconstrução. Tudo que foge disso, é considerado destrutivo e abusivo. Sarah J. Maas constrói dois personagens poderosos e encantadores, mas que mostram as principais diferenças entre os relacionamentos saudável e abusivo.

4 CONCLUSÃO

Através da leitura feita pela autora deste trabalho, concluímos que os livros *Corte de espinhos e rosas* e *Corte de névoa e fúria* da autora americana Sarah J. Maas possuem características dos relacionamentos abusivo e saudável em sua construção. Ao longo do que foi exposto sobre o personagem Tamlin, percebe-se que a autora buscou mostrar a gradação do abuso e sua sutileza, fazendo com que fosse possível notar que até nos pequenos detalhes, a necessidade de poder de um abusador é perceptível. É importante salientar que, quando a vítima está cegamente apaixonada pelo parceiro destrutivo, ela não consegue perceber tais características, entretanto, elas ainda existem e podem ser notadas por terceiros, como parentes e amigos, fazendo-se importante que esses busquem ajudar a pessoa abusada.

Diante disso, concluímos que os relacionamentos abusivos são caracterizados por um parceiro que, devido à sede de poder que possui, busca controlar o outro manipulando-o, confundindo-o, o atacando emocional e psicologicamente por meio de ameaças e xingamentos, isolando-o e o ferindo em diferentes âmbitos, como o mental e o físico. E que o relacionamento abusivo, nas obras *Corte de espinhos e rosas* e *Core de névoa e fúria*, ocorre de forma gradual. Bem como, concluímos que os relacionamentos saudáveis, mesmo não possuindo uma fórmula concreta, são aqueles em que ambos os parceiros possuem liberdade para serem eles mesmos, em que há respeito, carinho, apoio, confiança e reconciliação quando preciso, sem punição ou aniquilação. Exatamente como Sarah J. Maas busca apresentar em suas obras *Corte de espinhos e rosas* e *Corte de névoa e fúria* com o relacionamento de Feyre com Rhysand.

A finalidade desta pesquisa foi, por meio da análise de como se dá os relacionamentos abusivo e saudável nas obras de Sarah J. Maas, identificar nas obras lidas como os relacionamentos abusivos se caracterizam, acreditando que, ao analisar e apresentar o personagem Rhysand, da saga “Corte de espinhos e rosas”, as pessoas possam buscar parceiros mais saudáveis, que lhes tragam segurança e apoio genuíno e que não as diminuam apenas para inflar seu próprio ego, bem como facilitar a constatação de características abusivas nos parceiros em potencial.

É importante salientar que este trabalho não se encerra aqui, pois, a partir dele, outras pesquisas poderão ser feitas, tais como: a permanência da mulher em relacionamentos abusivos e como ocorre a recuperação da vítima após o término de um relacionamento abusivo. Da mesma forma que é possível estender esta pesquisa e analisar os personagens em todas as obras da saga, aprofundando o tema e buscando muitas outras características abusivas e saudáveis em Tamlin e Rhysand, respectivamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. V. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1993.

BRASIL. **Art. 226, § 8 da Constituição Federal de 1988**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10644799/paragrafo-8-artigo-226-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 9 maio 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 9 maio 2020.

BRASIL. **Legislação informatizada – Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932 – Publicação original**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 8 maio 2020.

BROTTO, Thaiana Filla. **Como se classifica um relacionamento saudável?** Disponível em: <https://www.psicologosberrini.com.br/terapia-de-casal/relacionamentos-saudaveis/> Acesso em: 9 jun. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Processos de violência doméstica e feminicídio crescem em 2019**. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/processos-de-violencia-domestica-e-feminicidio-crescem-em-2019/> Acesso em: 9 maio 2020

COSTA, J. F. **A face e o verso**: estudos sobre o homoerostimo II. São Paulo: Escuta, 1995

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/relacionamento/> Acesso em: 9 mar. 2020.

FEHR, B. **Friendship processes**. London: Sage, 1996. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Hlg0CgAAQBAJ&hl=pt-BR&lr=> Acesso em: 2 maio 2020.

GAY, P. **O Cultivo do ódio**: a experiência da burguesia da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

MAAS, Sarah. **Corte de espinhos e rosas**. Rio de Janeiro, Editora Galera, 2017.

MAAS, Sarah. **Corte de névoa e fúria**. Rio de Janeiro, Editora Galera, 2019.

MAAS, Sarah. **Corte de asas e ruína**. Rio de Janeiro, Editora Galera, 2019.

MAIA, Laura Rodrigues. **A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos**. Disponível em: <https://riuni.unisul.br/handle/12345/3896>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MARQUES, Tânia Mendonça. **Violência conjugal**: estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26950>. Acessado em: 13 abr. 2020.

MOSSE, G. L. Masculinidade e Decadência. In: PORTER, Roy; TEICH, Mikulás (orgs.) **Conhecimento sexual, ciência sexual**: a história das atitudes em Relação à Sexualidade. São Paulo: UNESP/Cambridge University Press, 1998.

NEAL, Avery, **Relações destrutivas**: se ele é tão bom assim, por que eu me sinto tão mal? São Paulo, Editora Gente, 2018.

SABATER, Valeria. **Los 4 pilares de las relaciones positivas**. Disponível em: <https://lamenteesmaravillosa.com/los-4-pilares-de-las-relaciones-positivas/> Acesso em: 16 jun 2020

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas**: o psicopata mora ao lado. 3. ed. Rio de Janeiro, Fontanar, 2018.

SILVA, Sérgio Gomes. **Masculinidade na história**: a construção cultural da diferença entre os sexos. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000300003. Acesso em: 9 set. 2020.